

PROVÍNCIA

Semanário

AVENÇA

INFORMAÇÃO .. CULTURA .. RECREIO

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 — TEL. P.F. 026 467
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

DIRECTOR
ÁLVARO VALENT

1.º DE DEZEMBRO

Aproxima-se a hora em que os acordes do hino do 1.º de Dezembro não-de ecoar nas ruas e nas almas. Já se não darão aqueles estremecimentos doutrora, quando as multidões o entoavam em coro, impulsionadas pelo sentimento de amor pátrio. Tudo passa... e tudo muda.

No entanto, o povo português ainda sente e vibra, e não esquecerá nunca que se glorifica nesse dia a revolução de 1640 que lhe devolveu a independência perdida por sessenta anos.

A imprensa compete não o deixar esquecer. O 1.º de Dezembro é uma data patriótica, e o patriotismo é uma qualidade nata em todos os portugueses. É justo, pois, que todos a recordemos e a sintamos «cá dentro», — naquele sítio onde não chegam as mudanças que os tempos forjaram.

Na época presente, quando vemos o que vai pelo Mundo na questão da independência das nações, ainda mais a devemos sentir, com esta certeza de que somos e seremos independentes, ciosos das páginas que a História regista e nos enchem de orgulho.

A herança dos nossos antepassados é uma lição constante, onde sempre haveremos de aprender.

Cumpra-nos, portanto, no momento exacto da vida nacional, lembrá-la e glorificá-la uma vez mais, na evocação dos acontecimentos e na invocação dos feitos e dos vultos que os praticaram.

Honra aos portugueses de antano!
Honra aos heróis do 1.º de Dezembro de 1640!
Honra à pátria portuguesa e à data que exalta a nossa fé!

No limiar de uma nova era

«Os Estados Unidos da América afirmam solenemente perante vós — e por consequência perante o mundo — a sua determinação de ajudar a resolver o assustador dilema atómico e de se empregar de corpo e alma na procura de um meio que permita que o miraculoso génio do homem não seja consagrado à sua própria destruição, mas sim, à sua vida».

Estas palavras, proferidas no dia 8 de Dezembro de 1953, pelo Presidente Eisenhower, no cenário majestoso do hemiciclo das Nações Unidas, vieram tranquilizar um pouco os alarmados espíritos dos povos que viam na descoberta da energia atómica o caminho das mais diabólicas destruições, jamais

POR ÁLVARO PEREIRA

concebidas pelo cérebro do homem.

A interrogação, tantas vezes formulada e tantas outras deixada em suspenso, de desejar saber tal força posta um dia exclusivamente ao serviço do bem da humanidade, está agora a começar a tomar vulto e a definir-se como eloquente realidade.

Ao cabo de porfiados esforços, pode-se hoje dar ao mundo a garantia de que a ciência nuclear pode ser posta, de facto, ao serviço do indivíduo, para fins pacíficos.

Para demonstrar tais propósitos e as suas ilimitadas possibilidades, inaugurou-se agora, no Instituto Superior Técnico, de Lisboa, a notável exposição «Átomos para a Paz», levada a efeito pela Junta de Energia Nuclear, sob o patrocínio da Embaixada Americana.

Ali se patenteia, num sumo a que não falta o científico e analítico, a tória do átomo que, segun as últimas descobertas, alterar profundamente as concepções sobre a ría de energia nuclear, t que teve em Einstein o poente máximo quando tentou que matéria e en são duas formas do m fenómeno; ou melhor, matéria e energia podem ser transformadas uma na outra.

A exposição tem ainda uma finalidade que não passa despercebida ao visitante: o de esclarecer o público, leigo na matéria, sobre as vantagens dessa poderosa força, criada, primitivamente, para o mal e que hoje, mercê de aturados estudos, está sendo posta ao serviço do bem da Humanidade.

Os Estados Unidos da América, sem dúvida na vanguarda da ciência atómica, oferecem ao mundo os vastos conhe-

(Continua na página 4)

Crónicas Irrequietas - 36

Por Alvaro Valente

Juntaram-se os quatro à esquina...

A pobre dona de casa saíra para as compras, ali abaixo, no mercado onde diariamente lhe surripiavam o melhor dos ordenados do casal.

Pelo caminho ia filosofando:

— Que hei-de eu arranjar para o almoço e para o jantar de hoje? Está tudo pela

hora da morte... Se é carne, é o que se sabe; se é peixe, é um dinheirão; se não é carne nem peixe, não sei o que há-de ser... Ora a minha vida, a minha vida! Ninguém dá valor ao que uma dona de casa passa para dar de comer aos seus! Pois se ainda ontem os carapaus do gato estavam a doze escu-

dos o quilo! E as couves, e os nabos, e a fruta, e tudo o mais?

E olhando a magra bolsa que apertava na mão, continuava:

— Ainda se ao menos eu a tivesse bem recheada... Mas, aproxima-se o fim do mês e sinto-a cada vez mais escorrida, quase na estica...

E assim filosofando e congeminando, lá ia por ali abaixo, em direcção à «mesa da alastromia», onde lhe es-
quartejariam os restos da magra bolsa.

Antes do mercado, porém, havia uma esquina.

Uma esquina é sempre uma surpresa, uma emboscada, um ponto de interrogação.

Quantos incidentes se dão

(Continua na página 4)

A Música em Portugal

Um desabafo dum amador de Música, e a crise porque estão passando as Sociedades Filarmónicas do nosso País

A remodelação criada pelo decreto 28401 do ano de 1937, que reduziu as Bandas militares para um número de apenas 8, quando existiam no continente e no ultramar 32, deu lugar a que a sublime arte dos sons entrasse num período de crise em Portugal.

Decorridos 19 anos, está já a sentir-se o efeito da redução das Bandas Militares no País, que incontestavelmente constituíam uma grande escola musical, de onde saíram os maiores maestros de Portugal.

Os Conservatórios de Mú-

sica do nosso País nunca conseguiram dar um tão elevado número de artistas como as Bandas do Exército; evidentemente, que as facilidades de admissão no exército eram as causas desse facto, dando, portanto, lugar a uma rápida formação do artista.

É singular dizer como esses artistas eram recrutados.

As Bandas Marciais ou Filarmónicas, verdadeiros órgãos da instrução musical, desempenharam sempre um
Francisco Joaquim Baptista
(Continua na página 4)

PORTUGAL PITORESCO

Além da parte panorâmica da cidade, que se confirma

na praia do Ramalheite, na ilha dos Cães como cabo de

F A R O

Igreja da Misericórdia e busto de João de Deus



em Santo António do Alto, na doca e plagas da baixa-mar,

Santa Maria, — o ponto mais meridional do nosso país —, nos arredores povoados de excelentes quintas, olivais, pomares, chaparrais, figueirais, alfarroba, não é menos de admirar a parte monumental.

A Sé, em que já salíamos, a igreja da Misericórdia, com o busto de João de Deus em frente, a Escola de Alunos Marinheiros, — antigo Paço Episcopal —, o Hospital, na Praça D. Francisco Gomes de Avelar, etc. Um passeio pela alameda João de Deus proporcionará ao visitante momentos de indizível prazer e completará suas impressões acerca da nobre e hospitaleira cidade.

Um Trecho da Alameda João de Deus



VIDA
PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO
Consultas em Sarilhos Grandes,
às 9 horas, todos os dias, excepto
às sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia

CLÍNICA DENTARIA
Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr.ª Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto
Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.ªs e 6.ªs feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Parteiras

Felisbela Victória Pina

Parteira - Enfermeira
Partos, injeções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50J
TELEF. 026 487 — MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira

Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Arminda Lagos

Parteira-Enfermeira
Ex-estagiária das Maternidades de
Paris e de Strasbourg.
De dia - R. Almirante Reis, 72
Telef. 026038
De noite - R. Joaquim d'Almeida, 102
MONTIJO

Organizações

Progresso

Oçam todas as 3.ªs feiras às
13 horas, através do Clube
Radiofónico de Portugal o
programa «REVISTA DES-
PORTIVA», uma produção de
Fernando de Sousa, com o
patrocínio deste jornal.

REVISTA DESPORTIVA

15 minutos em que fala do
desporto e a favor do desporto.
Produção associada de: Fern-
ando de Sousa, Fernando de
Lacerda e Veríssimo Alves.
Brevemente novos progra-
mas e novas rubricas. Para
a sua publicidade consulte

Organizações Progresso

Av. de Roma, 207, 3.º - Esq.º
LISBOA

Explicações

odas as Disciplinas do 1.º e 2.º
ano do Curso Geral do Comércio

Dactilografia

Traduções e Retroversões:
Francês e Inglês, Técnico - Comerciais
R. Tenente Valadim, 14 - MONTIJO

MONTIJO

Sociedade Filarmónica

1.º de Dezembro

O SEU 102.º ANIVERSÁRIO

Com o programa que
abaixo transcrevemos, come-
mora o seu 102.º aniversário
esta colectividade monti-
jense.

Acontecimento local de
grande projecção, dado o
glorioso passado da Banda
e os êxitos contínuos do
presente, vai constituir, cer-
tamente, mais uma data
inolvidável na sua vida as-
sociativa.

Não é o momento próprio
para se escrever a história
artística de todas as suas
actuações, através de mais
um século de existência;
mas é justo que, nesta data
festiva, se evoquem alguns
dos feitos prestigiosos que
tanto a dignificam e que
tanto honram a nossa terra:

—No concurso de 16 de
Setembro de 1876, realizado
nos Recreios Whittoyne, de
Lisboa, — Prémio de Honra.

—No Certame Musical de
5 de Julho de 1903, reali-
zado em Setúbal, — Primeiro
Prémio.

—No concurso, realizado
na mesma cidade em 8 de
Agosto de 1954, — Primeiro
Prémio das Primeiras Cate-
gorias.

Isto, não falando nas suas
deslocações a dezenas e de-
zenas de terras portuguesas,
onde a sua apresentação e
os seus concertos escreve-
ram páginas brilhantes; nas
suas deslocações a terras

estrangeiras, onde a sua
presença e exibições marca-
ram datas do maior triunfo;
na sua assistência perma-
nente às obras beneméritas
em Montijo, às festividades
locais, a tudo quanto inte-
resse o progresso da terra
que lhe serviu de berço, a
tudo que represente maior
brilho e cultura.

Por tudo quanto dizemos,
e ainda pelo muito que fica
por dizer, o aniversário
desta agremiação é um facto
do maior significado a que,

gostosamente, damos o de-
vido relevo.

Saudamos, pois, nesta
hora alta de alegria e de
satisfação, a Sociedade Fil-
armónica 1.º de Dezembro,
a sua Ex.ª Direcção, o seu
Ex.º Regente, sr. Maestro
António Gonçalves, e os
seus executantes, pelo 102.º
aniversário.

Para todos, vão as home-
nagens de «A Província»,
com os votos das maiores
prosperidades e da conti-
nuação dos êxitos presti-
giosos de sempre.

PROGRAMA

Dia 1.º de Dezembro

A's 6 horas — Alvorada.

A's 8 horas — Salva de morteiros e foguetes.

A's 10 horas — Missa de Réquiem pela alma dos Sócios e Filar-
mónicos falecidos e de todos aqueles que a morte arrebatou desde a
fundação da nossa 1.º de Dezembro, e que pela existência e esplendor
da mesma trabalharam.

A's 20 horas — Saída da Banda para os habituais cumprimentos.

A's 20,30 horas — Concerto com o seguinte

PROGRAMA

I — Le Calif de Bagdad — Ouverture — Boieldier

II — Scheerazade — 1.º e 2.º Andamentos — Rymsky Korsakof

III — Dança do Fogo — M. Falla

IV — Saudação à 1.º de Dezembro — A. Gonçalves

A's 22 horas — Sessão Solene Comemorativa do Aniversário,
havendo uma conferência sobre Música, feita pelo Ex.º Senhor
Capitão Taciano de Araújo Zuzarte, sendo a apresentação do
conferencista feita pelo grande amigo da nossa colectividade Ex.º
Senhor Capitão José Ellsio Gonçalves Louro e dignando-se
assistir: Sua Excelência o Dig.º Governador Civil, Ex.º Senhor
Presidente da Câmara Municipal de Montijo, Ex.ª Direcção da
Federação das Sociedades de Educação e Recreio, Imprensa local,
Autoridades, Representantes das Agremiações Recreativas e de
Beneficência, Bombeiros Voluntários, Antigos dirigentes, e exe-
cutantes.

A encerrar esta Sessão serão concedidos: a todos os aprendizes
que frequentam a Escola de Música, um Prémio de Estímulo e aos
que mais valores tenham conseguido, um Prémio especial.

Dia 2 de Dezembro

Pelas 14 horas — Almoço Regional de Homenagem à Banda e
confraternização Inter-Sócios, no Salão de Festas.

Dia 8 de Dezembro (Feriado Nacional)

Grandioso Baile do 102.º Aniversário — «CEIA AMERICANA»
— abrilhantado pelo formidável conjunto musical JOSÉ DA SILVA.

PELO

Musical Clube Alfredo Keil

Comemora no dia 1 de
Dezembro o 47.º aniversário
da sua fundação, com um
baile nesse dia, abrilhantado
pela orquestra «Pax Júlia»,
e um serão no dia 9, pelo
nosso Grupo Artístico Mont-
tijense e orquestra «Eldora-
do».

Cumprimentamos, agrade-
cemos a gentileza do convite
endereçado, fazendo votos
pelas longas prosperidades
do Clube em festa aniversi-
tária.

Serão Cultural

Consoante anunciámos,
efectuou-se no passado dia
22 o serão cultural dedicado
à Música; em que foi confe-
rencista o sr. Jorge Rosado,
de Montijo. O seu trabalho
«A sonata, seus anteceden-
tes e sua evolução através
dos tempos», comentado pelo
autor com exemplos ao piano,
foi muito apreciado pela as-
sistência que enchia por com-
pleto o salão do Musical
Clube. No final, o conferen-
cista foi muito aplaudido.

SANFER, L.ª DA

SEDE

ARMAZÉNS

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moínho que resistiu ao
ciclone - FERROS para construções, ARAMES,
ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimen-
tos para gados

RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Ca-
minho de Ferro

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

**Campanha Nacional de
Educação de Adultos**

Curso «José Salgado de Oliveira»

Integrado na Campanha
Nacional de Educação de
Adultos, o curso «José Sal-
gado de Oliveira», desta vila,
recomeça no próximo dia 1
as suas visitas a museus e
monumentos. A próxima vi-
sita terá lugar no Museu
Etnológico «Dr. José Leite
de Vasconcelos», a Belém,
Lisboa.

A exemplo das outras vi-
sitas, os alunos deste curso
serão acompanhados pelo
seu professor, sr. José Ma-
nuel Landeiro, orientador
destas visitas, no nosso dis-
trito, e toda a despesa é
feita pela empresa patronal
a que pertence o curso, a
qual é digna dos maiores
louvores, por assim ter em
vista a educação artística dos
seus empregados.

**Liceu Central
de Setúbal**

No dia 22 do corrente foi
recebida pelo sr. Ministro da
Educação Nacional a Comis-
são que lhe foi agradecer a
elevação do Liceu de Setú-
bal a Central.

A Comissão fazia-se acom-
panhar por muitos professo-
res, presidentes de Câmaras,
jornalistas, chefes de famí-
lia, etc..

O sr. Dr. Luís Macedo e
Castro leu um discurso de
agradecimento, em nome dos
«Amigos do Liceu».

O sr. Reitor do Liceu, Dr.
Mendonça e Costa, apresen-
tou os agradecimentos dos
presentes e de todos a quem
a resolução do Ministro be-
neficiou, respondendo lhe o
sr. Ministro com eloquente
satisfação e reconhecimento
pela grandiosidade da Comis-
são presente.

«A Província» fez-se pre-
sentar pelo sr. professor
José Manuel Landeiro.

Concelhos

Ribeirinhos

Por absoluta falta de es-
paço, não podemos hoje inse-
rir a continuação das exce-
lentes crónicas do nosso
distinto colaborador, sr. João
Luís da Cruz, do que lhe
pedimos desculpa e aos nos-
sos leitores.

Concurso

Hora Feliz

O relógio parou nas:
4 horas e 24 minutos.

— Qual relógio?

— Aquele que está depositado
na nossa redacção e que pertence
ao concurso da Ourivesaria e Re-
lojaria Contramestre, Praça 1.º
de Maio, em Montijo.

— E depois? Que aconteceu?

— Foi premiada a sr.ª D. Maria
José Bernardo, rua José Ferreira
Pio, 30, Montijo, por ter a aproxi-
mação das **4 h. e 19 m.**

E agora, que já sabe quem foi
a contemplada com o prémio de
250 escudos em compras naquele
estabelecimento, porque se não
inscreve também no CONCURSO
HORA FELIZ?

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

— No dia 27, o menino Gil Manuel Ladislau, filho do nosso estimado assinante sr. Gil Ladislau.

— No dia 27, o sr. José Narciso Ferra Junior, nosso prezado assinante.

— No dia 27, a sr.^a D. Anabela dos Santos Baeta, filha do nosso colaborador e assinante sr. Eduardo dos Santos Baeta.

— No dia 28, a sr.^a D. Maria Alice Martins Pinto da Veiga Marques, filha do nosso dedicado assinante sr. Francisco Pinto da Veiga Marques.

— No dia 29, a nossa muito estimada assinante sr.^a D. Irene Crespo Moreira.

— No mesmo dia, a sr.^a Dr.^a Maria Cristina da Paz, sobrinha da nossa dedicada assinante sr.^a D. Cristina Cheirada, de Vila Franca de Xira.

— No dia 30, a sr.^a D. Maria Manuela da Veiga Fonseca, filha do nosso prezado assinante sr. Manuel Carapinha da Fonseca.

Reclamação

Escreve-nos a sr.^a D. Maria Carvalho da Costa, desta vila, solicitando providências a quem de direito para o facto de, na Praceta da rua José Joaquim Marques, se juntarem verdadeiras montureiras de lixo e dejectos, o que torna aquele local inabitável.

Diz a mesma senhora que «antigamente ainda ali passava uma carroça que fazia a limpeza, — coisa que talvez há um ano se não verifica».

Aqui fica a justa reclamação, com a esperança de que será atendida.

Objectos perdidos em poder da Polícia:

1 carneiro, uma capa de lã para selim de bicicleta, duas carteiras com várias fotografias e alguns papéis sem importância e 17 títulos de propriedade da Sociedade Columbófila de Montijo, uma mala própria para senhora, que se julga pertencer a Idalina de Almeida, do Barreiro, uns óculos graduados, e uma chave de porta.

Pela Polícia BURLÃO

Alvaro Roda Francisco, que também usa o nome de Alvaro dos Santos Francisco, ou ainda Alvaro dos Santos Gonçalves, solteiro, de 23 anos de idade, que diz ser negociante de sucata, natural da freguesia do Socorro — Lisboa, e sem residência certa, burlou vários indivíduos desta vila num total de 6.000 escudos, aproximadamente.

Foram lesados, em Montijo, Joaquim Miranda dos Santos, motorista de praça, Carlos de Oliveira & Silva Ventura, com estabelecimento de artigos eléctricos, André dos Santos Junior, com falso arrendamento dum armazém e um rádio de automóvel, e João Euclides Rosa Carneiro, com objectos de relojoaria e ourivesaria.

Encontra-se preso para mais averiguações, tendo sido o processo remetido ao tribunal.

Tendo V. Ex.^a que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar

Luís Moreira da Silva

Rua Almirante Reis, 27

Telefone 026 114

MONTIJO

MONTIJO

Uma sugestão muito de aplaudir Grupo Artístico Montijense

Sr. Director de «A Provincia»:

Com o aproximar dos dias muito frios, ocorre-me à ideia o martírio das pobres criancinhas que frequentam as escolas, sem o mínimo possível de agasalhos; e então lembrei-me de pedir a V. que lembre no vosso apreciado jornal o seguinte:

Seria muito interessante que nas escolas se levantasse uma campanha, que poderia chamar-se «Solidariedade na Escola», a qual consistiria em que cada criança das mais remediadas dessem aquelas mais pobrezinhas suas companheiras, um vestidinho, uma camisolinha, uns sapatinhos, — qualquer coisa, enfim, que a elas estivesse curto ou apertado, sem possibilidades de lhe servir, e assim se remediaria em parte o mal que apoquentam essas pobrezinhas, coitadas, rapazes e meninas que atravessam as nossas ruas tiritando de frio, alguns descalços e sem o mínimo de conforto. Poderiam as Ex.^{mas} Sr.^{as} Professoras orientar esta campanha, pois que ninguém

melhor do que essas senhoras saberão quais aquelas que se apresentam em piores condições. Não seria interessante, sr. Director?

Muito grata fica se esta lhe merecer alguma atenção

Laura Bernardes

N. R. — Era desnecessário declarar que estamos em absoluto de acordo com esta sugestão. Aqui a deixamos, na esperança de que seja tomada na devida consideração e posta em prática, como de justiça.

Pelo Tribunal da Comarca

Por ter sido transferido para o 5.º Juízo Correcional de Lisboa, deixou o cargo de chefe da 3.ª Secção do nosso Tribunal o escrivão de Direito, sr. Alfredo Maria dos Reis.

Apresentamos-lhe cumprimentos de despedida e desejamos-lhe todas as felicidades no exercício do seu novo lugar.

ENGENHEIRO

José Freitas Mimoso

Tendo sido convidado para chefiar uma secção na Companhia Portuguesa de Celulose, em Cacia — Aveiro, o sr. engenheiro José Freitas Mimoso, nosso conterrâneo e filho do nosso prezado assinante sr. Gabriel da Fonseca Mimoso, e de sua esposa sr.^a D. Francisca Freitas Mimoso, aceitou esse cargo e para ali partiu.

O sr. engenheiro, que trabalhava nas obras do metropolitano de Lisboa, teve por parte dos seus colegas e subordinados uma afectuosa manifestação de estima, num jantar de despedida que lhe ofereceram.

Felicitemos o sr. engenheiro e seus pais, e desejamos-lhe todas as felicidades no exercício do seu novo cargo.

É obrigatório o manifesto da cortiça

Os produtores de cortiça são obrigados a manifestar a sua produção à Junta Nacional da Cortiça, em impressos fornecidos por aquela repartição, os quais devem dar entrada naquele organismo até 31 de Dezembro do ano corrente.

Dr.^a Perpétua de Vilhena

CLÍNICA DE BOCA E DENTES

Consultas às: 3.^{as}, 5.^{as}, e Sábados.

— Preços de Policlínica —

Rua Ivens, 26 - 1.º

Telef. 25626 = LISBOA

APROXIMA-SE O NATAL!

Nesta quadra festiva V. Ex.^a necessita de obsequiar os seus amigos e Familiares.

Não esqueça de visitar a **REPAL**, casa especializada em artigos para brindes

A REPAL PRIMA PELO BOM GOSTO!

PRAÇA GOMES FREIRE DE ANDRADE, 22 — TELEF. 026 378

Junto ao Mercado Municipal em construção

MONTIJO

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.ª-feira, 29 — Montepio

6.ª-feira, 30 — Moderna

Sábado, 1 — Diogo

Domingo, 2 — Giraldes

2.ª-feira, 3 — Montepio

3.ª-feira, 4 — Moderna

4.ª-feira, 5 — Diogo

Boletim Religioso

Culto Católico

MISSAS

5.ª-feira — às 8,30 e 9 horas.

6.ª-feira — às 8 e 9 horas.

Sábado — às 9 e 10 horas.

Domingo — às 8, 10, 11,30; 11,30 (Atalaia); 17,30 (Afonsoeiro), 18.

Culto Evangélico

Horário dos serviços religiosos na Igreja Presbiteriana, Rua Santos Oliveira, 4, Montijo.

Domingos — Escola Dominical às 10 horas, crianças, jovens e adultos. Culto divino às 11 e às 21,30 horas.

Quartas Feiras — Culto abreviado com ensaio de hinos religiosos, às 21,30 horas.

Sextas Feiras — Reunião de Oração, às 21,30 horas.

No segundo Domingo de cada mês celebração da Ceia do Senhor, mais vulgarmente conhecida por Eucaristia ou Sagrada Comunhão.

Igreja Pentecostal, Rua Alexandre Herculano, 5-A, Montijo.

Domingos — Escola Dominical às 11,30 horas. Pregação do Evangelho, às 21 horas.

Quintas Feiras — Pregação do Evangelho, às 21 horas.

Espectáculos

CINE POPULAR

6.ª feira, 30; «Chamada para a Morte» com Grace Kelly e em complemento «Balada ao luar».

Sábado, 1; «Moby Dick».

Domingo, 2; «Carmen Jones».

2.ª feira, 3; «Sete Noivas para Sete Irmãos».

3.ª feira, 4; «Legião Estrangeira» e «Teia de Cristal».

4.ª feira, 5; «Nagana».

5.ª feira, 6; «O Unico Caminho».

-CINEMA 1.º DEZEMBRO

5.ª feira, 29; (Para 13 anos), o fantástico filme em technicolor, com John Payne, «O Corsário dos 7 Mares» e o drama de forte tensão, «Ainda Acontecem Milagres».

6.ª feira, 30; (Para 13 anos), o mais cómico filme português, com António Silva, Milu, Ribeirinho, e muitos outros, «O Grande Elias» e como complemento o grande documentário de futebol, em duas partes, o último Benfica-Porto no Estádio da Luz.

Sábado, 1 de Dezembro; (Para 13 anos), o deslumbrante filme dramático e musical «Sonho de Artistas» e ainda lindos complementos.

Às 18 horas (6 da tarde), espectáculo para crianças. Ver programas definitivos.

Domingo, 2; (Para 18 anos), o arrebatador drama de acção e violência em Cinemascope «Profundo como o Mar». No programa maravilhosos complementos.

Às 18 horas, espectáculo para crianças. Ver Programas.

2.ª feira, 3; (Para 13 anos), o filme português, «Um Homem do Ribatejo», e o filme cómico com Bucha e Estica «Um Par de Ciganos».

4.ª feira, 5; (Para 18 anos), o drama colorido com Yvonne de Carlo, «Fogo Mágico» e o filme de aventuras misteriosas, «Os Prisioneiros da Ordem Zero».

Fotofilme

Trabalhos para amadores
Fotografias d'Arte
Aparelhos Fotográficos

Reportagem Fotográfica

Rua Balthão Pato, 11 - MONTIJO

NO LIMIAR DE UMA NOVA ERA

Natal

cimentos até agora controlados em tal campo, não ocultando os poderosos recursos que tal ciência pode oferecer ao indivíduo nos domínios da medicina, da agricultura, da indústria e até nas investigações técnicas e científicas.

Assim, os radioisótopos, por exemplo, já hoje estão sendo aplicados em diversos sectores da vida do homem com resultados verdadeiramente surpreendentes.

Com efeito, os radioisótopos, no campo da medicina, abrem novas possibilidades no diagnóstico de doenças, pois podem-se fazer observações valiosas do sangue, da circulação, do funcionamento do coração, dos processos químicos do corpo humano, das irregularidades da digestão, assimilação, etc., sendo certo que certos isótopos empregados como fontes radioactivas são substitutos mais económicos e eficazes dos aparelhos de Raios X.

Por outro lado, o cobalto, aplicado em regiões cancerosas, está obtendo, por sua vez, resultados altamente lições e o seu preço, como adiante se verá, constitui segura garantia de que tal tratamento será, num futuro não distante, acessível a qualquer indivíduo.

Assim, um grama de rádio custa hoje cerca de 600.000 escudos. Antigamente custava 3.500.000 escudos. A quantidade de cobalto que corresponde em radioactividade a 1 g. de rádio (cerca de 1 - Curie) em custa, média, apenas 700 escudos.

Estes números são bastante significativos para se formar uma ideia das vantagens criadas pela descoberta de tão importante agente, no combate a um dos maiores males que aflige ainda a humanidade.

Mas a energia nuclear, só por si oferece um mundo ilimitado de consoladoras perspectivas. A título de curiosidade informamos que a energia resultante da cisão de 1 kg. de urânio corresponde à energia de combustão de 2.500 toneladas de carvão; e a energia que se produz na desintegração completa de 1 g. de urânio seria suficiente para iluminar uma lâmpada de 60 w. durante 50 anos.

Quando em 1939 o Professor Otto Hahn conseguiu, pela primeira vez no mundo, a cisão do urânio e quando, mais tarde, no reactor situado nos terrenos da Universidade de Chicago, se obteve, também pela primeira vez, a manutenção de uma reacção em cadeia controlada, no dia 2 de Dezembro de 1942, abriram-se para o homem as portas dum mundo novo que, pelo âmbito das suas revelações, revolucionou os domínios da ciência física.

O caminho dum nova era ficou assim aberto ao indivíduo, competindo a este trilhá-lo de forma a deixar o horizonte livre de inquietações. Nem outra coisa foram os propósitos dos cientistas

(Continuação da primeira página)

Por Álvaro Pereira

que mais influíram para a maior descoberta de todos os tempos, cujos nomes desejamos nesta hora evocar como modesta mas significativa homenagem.

Foram eles:

Wilhelm V. Roentgen — Descobriu em 1895 os Raios X.

Madame Curie — Descobre e isola o rádio em 1898, juntamente com seu marido Pierre Curie.

Henri Becquerel — Descobre em 1896 a radioactividade natural.

Max Planck — Estabelece em 1900 a teoria quântica.

Ernest Rutherford — Descobre em 1900 o radão; em 1902, em colaboração com F. Soddy, as leis da desintegração radioactiva; em 1904 as partículas alfa, construindo em 1911 uma teoria do núcleo atómico. Conseguiu ainda em 1919 a primeira desintegração artificial, e descobriu em 1920 o protão.

Otto Hahn — Isola em 1905

o Mesotório. Descobre, em colaboração com a Professora Lise Meitner, o Radio-tório; em 1921 o Urânio II e consegue, em colaboração com o Dr. F. Strassmann, em 1939, a cisão do urânio.

Arthur H. Compton — Descobriu o efeito Compton e realizou vastas investigações no domínio dos efeitos dos raios gama-Roentgen.

Niels Bohr — Cria em 1913 o modelo do átomo ao qual deram o seu nome. Estabelece em 1936 uma teoria do núcleo do átomo.

James Chadwick — Calcula em 1912 a carga positiva do núcleo. Descobre em 1932 o neutrão.

Enrico Fermi — Criou a teoria dos neutrões e projectou o primeiro reactor atómico que se conseguiu pôr em funcionamento. No dia 2 de Dezembro de 1942 conseguiu a primeira reacção em cadeia controlada.

Harold C Urey — Des-

cobriu o deutério e a água pesada.

Werner Heisenberg — Estabelece em 1925 a mecânica das Matrizes ou Mecânica Quântica e, em 1927, o princípio da indeterminação, provando não ser possível verificar ao mesmo tempo a posição e a velocidade de um electrão.

Foram estes os sábios que mais contribuíram para a descoberta da força extraordinária, fantástica, da energia atómica, deixando aos homens do futuro a escolha dela ser aplicada para seu benefício, ou para a sua destruição.

Creemos, porém, e a exposição «Átomos para a Paz» assim no-lo demonstrou exuberantemente, que tal força será convertida, a pouco e pouco, em realizações úteis à vida do homem, que hoje começa a ver na energia nuclear não uma ameaça inquietante que avassala o espirito, mas uma consoladora promessa no campo da Paz; e isto, não deixando esquecer totalmente o perigo, permite, contudo, encarar com mais confiança o dia de amanhã.

Juntaram-se os quatro à esquina...

(Continuação da 1.ª página)

e se registam por causa dum esquina que nos espreita além, no meio do caminho?!

E assim foi que, ao chegar à esquina da leitaria, que dá para a avenida principal, lhe surgiram quatro indivíduos deliciosamente vestidos, melífluos, açucarados como os rebuçados do dr. Centazzi, todos cantando umas árias estafadas, suspirosas como nébias suplicantes.

E logo um se adiantou, para lhe prègar.

— Minha senhora! Se quer que a sua roupa fique mais branca do que o luar, use e compre-me o...

Mas logo outro se interrompeu:

— Minha senhora! Para que a sua roupa fique dum branco pura, imaculada, use e compre-me o...

— Minha senhora! Se quer que a sua roupa dure duas vezes mais e fique branca como o jaspe, use e compre-me o...

Mas logo o último, com uma ladainha de soluços e ais prolongados, se mete na baralha e choraminga:

— Minha senhora! Não hesite. Se quer a sua bata alviniente, branquinha como a cal das ermidas, como o leite puro das vacas bucólicas, como as neves dos altos cumes, use e compre-me o...

E a pobre dona de casa, que já ia atarefada com as suas filosofias e congeminações, procura desvenenar-se para seguir ao seu doloroso destino. Eles, porém, não a deixam. A ce-

garrega é cada vez mais cerrada à sua volta: Use isto, use aquilo, use este, use aquele...

Efectivamente, pensa a infeliz, eu tenho a roupa para lavar; mas, como o dinheiro é tão pouco, vou mas é à mercearia e com meio quilo de sabão azul e branco e um pouco de lixívia da mulher que vai à porta, resolvo o caso muito mais barato...

E corre, e foge, e desaparece na curva da «estrada».

E quando entra no mercado, às voltas com os rabinetes e as alfaces, ainda leva na mente a lamúria dos

quatro que se juntaram à esquina com a soda cáustica, — e bem cáustica — das saídas cantilenas.

— E este pargo quanto custa?

— Por ser para a freguesa, custa APENAS 45 escudos!

E corre, e foge, e desaparece na curva da «estrada»...

E quando entra em casa, com três besugos e dois cachuchos na rede, fecha a telefonía, furiosa, para não ouvir outra vez os quatro da esquina...

Álvaro Valente

A MÚSICA EM PORTUGAL

(Continuação da 1.ª página)

importante papel no recrutamento desses artistas.

Quando qualquer executante da Banda Bivil dava sobejas provas de vocação para a música, moviam-se influências junto do mesmo, aconselhando o seu alistamento numa Banda regimental.

Estes factos davam uma segura garantia de mais um artista de comprovada vocação, sem que para isso necessário fosse o estudo psicológico do aluno, no sentido de observar se o mesmo tinha ou não essa vocação.

Com esta modalidade, Portugal orgulhava-se dos seus músicos de primeira linha, belos compositores, belas batutas e bons executantes. Hoje, uns já desaparece-

ram para sempre, outros vão estando velhos, e não se cuida da sua substituição.

A provar o que digo neste meu desabafo, como amante de música, está o número elevadíssimo de filarmónicas que têm suspenso as suas actuações por falta de recursos. E nós, que as considerávamos as principais escolas de música do nosso País, vemos com desgosto o seu lento desaparecimento.

Perguntamos: Porque é que não há em Portugal quem se interesse pela cultura musical que tanto contribui para a instrução do Povo?

Porque é que as Câmaras Municipais não votam verbas destinadas a auxiliar as Filarmónicas, a fim de se desenvolver essa instrução

Aproxima-se a quadra do Natal, — essa quadra que se comemora em todo o Mundo com presépios, árvores próprias do dia, festas de família, consoadas, ceias, manifestações de fé e de caridade.

«A Província», como de costume, vai também comemorá-la.

No dia de Natal «A Província» publicará um número especial de grande relevo, de 14 a 16 páginas, com colaboração escolhida, destinado a levar aos nossos leitores o nosso cartão de Boas Festas.

Para tornar mais completa e mais expressiva a nossa comemoração, tencionamos organizar na nossa Redacção uma «árvore de Natal», com brinquedos e utilidades para as crianças, e, se os nossos estimados assinantes, anunciantes, comerciantes, industriais e amigos nos ajudarem, teremos o maior prazer em também distribuir pelos pobres da nossa terra algumas oferendas que lhes proporcionem um melhor dia de Natal e um pouco de conforto na hora das Festas Felizes.

Esperamos o bom acolhimento de todos para estas iniciativas, certo como é que a nossa gente portuguesa está sempre disposta e pronta a colaborar nestas obras altruístas e de tão grande significado.

«A Província» concorrerá, como é seu dever; mas roga a todos que a auxiliem nos seus propósitos.

E desde já apresenta os seus agradecimentos a quantos acorrerem a este apelo.

José Teodósio da Silva

(Herdaira)

Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)

Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Juniper, Cremes de todas as qualidades, etc.

Fabricos pelos sistemas mais modernos.

Rua Formosa 38 - Telef. 026204-9

MONTIJO

musical dentro de cada concheiro?

Evidentemente que, se este estado de coisas continua, os Conservatórios de Música não darão o rendimento necessário de músicos de que o País necessita, ficando, portanto, numa situação de inferioridade perante qualquer outro país, onde a arte musical é auxiliada pelas entidades oficiais.

Terminando o meu desabafo sobre a sublime arte dos sons, ainda espero que haja em Portugal quem se interesse por este magno problema, que tanto contribui para a cultura do povo e para a difusão da mais bela e sublime arte.

Francisco J. Baptista

(Um antigo Filarmónico)

POR TERRAS GALEGAS

A todos os meus companheiros de viagem

Santiago de Compostela e Corunha

Vamos partir para a Corunha, por Meson del Viento, 62 quilómetros.

Já dentro do autocarro, sacudindo ainda as gotas da carga de água com que Santiago nos despediu, fico-me a pensar por momentos no que não vi e no muito que trazia apontado para ver. Deveríamos estar dois dias em Santiago, tal como deveríamos estar dois dias em Vigo e três na Corunha. Assim, ainda levaríamos uma ideia das terras visitadas e de quanto aí houvesse digno de observação. Desta maneira, quase nem podemos dizer duas palavras acerca de Santiago, como pouco saberemos depois da Corunha. Agora, porém, já não tem remédio, e há que seguir sem mais demoras.

Não pude analisar a Universidade, os Institutos de ensino, as escolas de artes e ofícios, a Sociedade Económica, as bibliotecas, as indústrias da prata, do azeviche, da talha e da escultura em madeira, etc. etc.. Foi um aborrecimento!

E da própria catedral, muito ficou por ver. Não pudemos visitar o túmulo do Apóstolo, por não nos ter chegado a vez; a obra de pedra, que é fenomenal, limitou-se para nós à observação das estátuas do vestibulo e a outra imagem onde se metem os nossos dedos para novamente pedir um ou três favores; e muitos e muitos pormenores de arte ficaram na vontade e nos apontamentos que tomáramos. Até o Pórtico da Glória, que merecia, pelo menos, um quarto de hora de admiração, apenas recebeu da nossa parte uma pequena mirada!

Agora, porém, já não tem remédio, e há que seguir sem mais demoras...

E lá vamos. No autocarro continua a emissão da tarde. Enquanto a chuva fustiga os vidros e as trovoadas continuam ao longe a roncar, o nosso Pascoal volta com *los primeros acuerdos de la Verbena de la Paloma*, os rapazes e as senhoras continuam com *sus canciones*, e todos nós contamos ao microfone anedotas, ditos com ou sem espirito, histórias da carochinha, declamações, recitativos, e assim por aí fora.

E desta maneira a viagem é mais rápida e chegamos a esquecer o miserável tempo que não nos desampara. E desta maneira passamos os 62 quilómetros que nos separavam de Corunha, — da «formosa e atractiva cidade herculina, plantada na porção da rochosa península da Torre de Hércules».

Ali chegámos pelas desonove horas.

Antes deixarmos o autocarro, houve reuião magna. Ninguém se conformava com a partida no dia seguinte às dez horas. Como era possível ver alguma coisa na

cidade em tão pouco tempo?

E, então, o organizador, sr. Cabrita, marcou a saída para o dia seguinte, depois de almoço, isto é, pelas 15 horas.

Crónicas e Reportagens
por
Álvaro Valente

Começou a debandada em busca de Pensão.

A chuva, nessa altura, era de enxurrada! As ruas iam de lés a lés!

E nós, carregados de malas e de volumes, para ali andámos, a chapinhar, de trás para diante, sem encontrarmos alojamentos.

É um dos maiores erros destas excursões, assim organizadas. Não há nada como ir logo direito à Pensão que se arranjou antecipadamente, que nos espera e nos acolhe... bem ou mal. Tudo menos aquelas correrias de rua em rua, a subir e a descer escadas, à busca dum quarto que o polícia, ou qualquer do povo, nos indica e que no fim nos sai uma espelunca repelente!

E a chuva continuava, e a chuva tornava as ruas em caudalosos rios, impiedosamente...

Estafado, aborrecido, saturado de tanto deambular, resolvo entrar numa confeitaria, arrumar as malas

junto à parede e sentar-me para ali, à espera que o sr. Acaso me resolva a situação. A família, tal como eu, escorre água por todos lados!

Mas, em toda a parte há gente boa. O dono desse estabelecimento foi um deus que nos apareceu nessa colisão. Ao ver-me naquele desânimo e ao ver o estado em que nos encontrávamos, quis saber o que se passava; e, depois de informado, telefona para uma senhora conhecida e manda-nos seguir para uma Pensão próxima onde, finalmente, nos arrumamos. Nunca agradecerei suficientemente a essa santa alma o favor que nos prestou! Ficámos arrumados e de que maneira! A coisa melhor que encontrámos em toda a viagem. O sr. Acaso merece também os nossos agradecimentos. *Tout est bien, ce que finit bien...*

Depois de instalados, pudemos, então, sair a dar uma volta. O tempo tivera dó destes infelizes e sossegara um tanto.

As primeiras impressões são de admiração e quase espanto. Não julgávamos que a Corunha fosse o que é.

Três ou quatro dias é que devia durar a nossa estadia nessa cidade.

A noite aproximava-se e pouco ou nada se podia ver. Apenas impressões de rua...

(Continua)

Esperando MONTIJO

Aguardei que viesses, não vieste.

Esperei que me chamasses, não chamaste.

Quis eu que me sorrisse, não sorriste.

Não sei que mais eu espere!

*Andei pelos tempos do mundo,
Rolando à sorte dos ventos,
Feito pária, vagabundo.*

*Bati a todas as portas
Na noite da minha esperança.
Colhi raízes das hortas:
— Todas elas eram mortas.*

*Ainda assim,
Aguardei que viesses.*

*Fiz-me nuvem pequenina,
Corri os céus no abandono,
E não vieste.*

Esperei que me chamasses...

*Fiquei-me à chuva e ao vento
Esperando que ali passasses
Nas águas que vão para o rio.*

*Passaste; vi-te passar;
Não te gritei que sofria
Porque era feio chamar.*

E quis eu que me sorrisse...

*Nem sorriste
Quando de todo partiste
Nas águas que vão para o mar...*

Já não sei que mais eu espere!

JOSÉ SOARES

LIVROS

«FLOR SECA» — CONTOS

Vasco Branco - Aveiro - Gafanha

LITORAL EDITORA

O estreante dos «Telhados de Vidro» (contos) de 1952, voltou agora com outro livro de contos, — Flor seca — 1956.

A promessa do primeiro radicou-se numa certeza neste segundo.

O autor, seguro de sua prosa, do seu estilo, da ética dos seus personagens, da estrutura dos seus quadros, fixou-se na modalidade e saiu triunfante.

Apartes umas liberdades originais que, possivelmente, definem a pessoa e o sentimento do escritor, os contos da «Flor seca» atingem o grau perfeito dos grandes contistas.

Alguns são mesmo verdadeiramente delineados, têm sumo e chispa, podemos classificá-los de exemplares.

É possível que alguns leitores, ao aspirarem algumas das «flores» de livro, lhes achem um perfume de certo modo impressivo e mordaz...

Nós, muito ao contrário, aspirámos e gostámos.

Não nos aparecem muito

amiude livros desta contextura e deste valor; pelo que abertamente o aplaudimos.

Sabemos as dificuldades que os contos encerram e conhecemos quão especiais devem ser os dotes literários de quem os escreve.

Por estes motivos, raramente admiramos e elogiamos os livros deste género que surgem nos escaparates das livrarias.

No caso presente, porém, sentimos que é nosso dever consciente saudar este e o seu autor, sem que façamos mais do que servir a causa da Justiça e da Verdade.

Se tivéssemos que distinguir alguma das composições, escolheríamos: «Três histórias pequeninas» e o «Natal do Trapezista.» Mas, ainda o melhor, é escolher todas.

Aspecto gráfico magnífico; desenhos de João Martins sugestivos; capa simples e impressionante; papel esplêndido.

M. S.

Publicações Recebidas

Floranatura — Divulgação da Flora Medicinal. Director, Jorge Teixeira. Redacção, R. Rodrigues Sampaio, 50-2.º, Telef. 50683 — Lisboa. N.º 1 — 15 de Outubro. Obrigados pelo exemplar.

Dois marcos da Renovação Industrial da Covilhã — Notas de reportagem, efectuada na firma Campos Melo & Irmão, Ltd.ª, por Nunes Torrão. A reportagem refere-se ao «Lavandouro de Lãs» e à «Ultimação de Tecidos» daquela firma industrial, técnica americana ao serviço da nossa indústria, e descreve pormenorizadamente as instalações respectivas.

A fechar essas descrições, a secção «Falamos os técnicos», em que vários industriais e técnicos dão as suas opiniões acerca dessas inovações, e ainda um feixe de opiniões tiradas do livro dos visitantes. O folheto está profusamente ilustrado e impresso em magnífico papel.

Agradecemos os exemplares que gentilmente nos enviaram.

Gazeta Literária — N.º 50 — Outubro — Revista Mensal — Porto — O n.º 50 da revista «Gazeta Literária», órgão da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, comemorativo do 74.º aniversário desta, traz o seguinte sumário: «74 anos»; «As ideias e intuições fundamentais do pensamento filosófico de Leonardo Coimbra», por Sant'Anna Dionísio; «O Porto terá, finalmente, o seu Teatro Municipal de Al-

meida Garrett?»; «Anibal de Moraes», por Germinal; «Uma saudação pastoral»; Claude Monet e o «Impressionismo», por Vasco Vidal; «A semana do livro holandês», por Halbo C. Kool; «Evocando Alves da Cunha», por Mário de Figueiredo; «Sóror Triste», uma poesia inédita de Carvalho Barbosa; «Um pequeno equivoco», conto por Erna Warntje; «A primeira senhora que foi associada da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto e um prefácio de Gomes Leal»; «A grafia dos nomes geográficos estrangeiros»; «Olavo Bilac», por Jorge Ramos; «O vendedor de palavras», conto por Giovanni Mesca, etc.

Gratos pelo N.º 50 remetido.

A Cooperação — Revista bimensal — N.º 1 de Novembro.

Director e Editor — José da Silva Baptista.

Redacção: Rua Alves Torgo - 13 - Lisboa.

A Revista que ora surge à publicidade, destina-se à cultura, informação e divulgação técnica das actividades económicas nacionais.

Dentro deste vasto programa, é notável o sumário do presente número, abordando diversas matérias conducentes à sua realização.

O aspecto gráfico é esplêndido, o papel muito bom, e traz abundância de ilustrações.

Agradecemos o exemplar que nos enviaram.

DESPORTOS

Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Olhanense, 3 - Montijo, 3

Formação das equipas:

Desportivo de Montijo — Redol, Valentim, M. Luís, Anica; Serralha e Santana; Barriga, Veredas, Neto, Mora e Ernesto.

Olhanense — Abade; Ezequiel, Tavares, Amorim; Poeira e Reina; Parra, Venício, Rangel, Cava e Simões.

Árbitro — Mário Mendonça, de Évora.

Campo — Estádio Padinha — Olhão.

O equilíbrio dominante, desde o início do encontro, logo serviu para o prognóstico do final resultado.

Embora o Olhanense se tivesse apresentado em boa forma de ataque, o certo é que esbarrou na decisão enérgica dos montijenses que, a partir do golo que Tavares meteu na própria baliza, se tornou «maior» e mais evidente.

Talvez os algarvios, de princípio, julgassem fácil a vitória; mas a defesa do Desportivo, com Ernesto e Mora em constantes contra-ataques, depressa os convenceu da ilusão em que estavam.

Poderão querer atribuir à sorte, expressa naquele golo de Tavares, o empate alcançado. O certo é, porém, que o Desportivo mostrou ter jogadores e jogo para tanto. Achámos que a influência

provocada por esse golo não deu, por si só, esse empate, pois os visitantes tinham força e garra para o conseguirem mesmo sem ele.

Vejamos a marcha dos golos:

A meia hora do jogo o Olhanense tinha 2-0 a seu favor. Pouco depois, surgiu o empate. A primeira parte terminou com 3-2 ainda a favor do Olhanense.

Na 2.ª parte, aos cinco minutos, o empate surgiu outra vez e assim se manteve até ao fim, não obstante as fases movimentadas, combativas, que se desenharam. No final desta parte, as redes de Redol foram asediadas com insistência, mas foi tudo em vão.

Foram melhores: no Olhanense, Amorim e Rangel; no Desportivo, Ernesto e Mora.

A classificação continuou com o Farense em 1.º lugar, 21 pontos, e Desportivo de Montijo, com 18 pontos.

A arbitragem foi sofrível. E agora, prossigamos: Avante, sempre avante!

João di cá



SIEMENS RADIO

TELEVISAO

Agente:
A. J. Ventura & Filho, L.º

R. Guerra Junqueiro, n.º 4
Telef. 026495 MONTIJO



MOTO JORNAL

Suplemento Quinzenal de

A PROVINCIA

Sob a Direcção de
José dos Santos Marques

Publicará no seu próximo número, além do noticiário habitual:

O Motociclismo no Norte do País • O Troféu «Brio Desportivo» • A Federação e a cronometragem das provas • Os motores Sachs • Entrevistas com Domingos Catula e Isaac Caetano • Características técnicas das máquinas de competição • A volta à França em Scooter • Apontamentos... e Tesouradas • Novidades: A Sanglas - Montanha. O record do Mundo de velocidade pura

Basquetebol

Cuf, 42 - Montijo, 27

Sob a arbitragem dos Srs. Bernardo Soeiro e Américo Marques, disputou-se no passado domingo, dia 25, no ringue da Cuf, no Barreiro, o encontro acima a contar para o Campeonato Regional.

CUF: — (18 cestas e 6 lances livres transformados em 20 tentados), Matos (4), Ilídio (6), Padrão (1), Moreira (8), Cabrita (4), Santos (6), e Ludgero (13).

MONTIJO: — (12 cestas e 3 lances livres transformados em 13 tentados), Luciano (1), Adriano (2), Adelino, Heitor (4), Barreiras (8), Elisiário (10), e Teodemiro (2).

Vitória normal da equipa da Cuf. A despeito da falta do seu melhor elemento, Alberto Carvalho, esta equipa actuou regularmente quanto à produção de jogadas. No lançamento, todavia, falhou demasiado. Ludgero, óptimo marcador, esteve infeliz assim como Cabrita, outro marcador habitual, que, aliás, pouco tempo esteve em jogo.

É talvez a pecha com que luta há vários anos a Cuf: inépcia dos lançadores ou a falta de um meia distância de mérito.

Os jogadores mostram-se conhecedores dos esquemas, a equipa em si movimenta-se com agrado, mas não há quem concretize em eficiência a finalidade requerida! O Montijo realizou, quanto a nós, a melhor exibição depois do encontro com o Naval Setubalense.

Movimentando-se bem na defesa com Teodemiro excelente nos ressaltos da sua tabela, foi pude-se dizer uma equipa «engraçada» no 1.º tempo. Sucedeu, porém, que Barreiras, Elisiário e o mesmo Teodemiro estiveram com a «mão» em manhã negativa e como os jogos não se ganham só a defender bem o resultado deste meio tempo cifrou-se na escassa marca de 17-13 a favor da Cuf. Já ao terminar esta parte Teodemiro saíu desclassificado com o máximo de 5 faltas (parece-nos que os árbitros já lhe fazem perseguição) e desde aí a superioridade da Cuf começou-se a vincar.

Ao segundo tempo ainda o Montijo chegou a 19-19, mas foi sol de pouca dura. A melhor organização do adversário acabou por vencer e merecidamente.

De registar algumas perdas de Barreiras, isolado a caminho do cesto, umas por perder o domínio da bola e outras por precipitação ao sentir aproximar-se o defesa contrário. Seriam pelo menos 6 pontos que poderiam ter influência no jogo a seguir.

A arbitragem esteve longe de satisfazer no capítulo de faltas pessoais. Critérios diferentes no julgamento das mesmas penalidades, são factos que não compreendemos sinceramente.

Luciano Mocho

Câmara Municipal de Montijo

EDITAL

Recenseamento de solípedes

António João Serra Júnior, Vice-Presidente desta Câmara Municipal:

Faz público que nos termos do Dec.º n.º 32.587, de 24 de Dezembro de 1942, deverão os proprietários de cavalos, éguas, machos, mulas, garranos e garranas, inscrever os seus animais até ao dia 20 do próximo mês de Janeiro, a fim de serem devidamente recenseados.

Na freguesia do Montijo, a inscrição é feita na Secretaria Municipal e nas freguesias de Canha e Sarilhos Grandes, a inscrição é feita perante os zeladores municipais.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Montijo, 27 de Novembro de 1956.

O Vice-Presidente da Câmara,
a) — António João Serra Júnior

Concurso de Prognósticos de Futebol

Cupão N.º 10

Acertaram em 12 resultados, 2 concorrentes

Srs. **António José R. Mauricio**

Rua 28 de Maio, 21 — MONTIJO

António José Bernardo

Rua do Polígono, 37 — VENDAS NOVAS

Todos os premiados deverão levantar nesta Redacção as senhas que os habilitam aos respectivos prémios, excepção dos concorrentes domiciliados fora de Montijo, aos quais lhe serão enviados os prémios.

Prémios para o cupão n.º 12

Aos que acertem em todos os resultados

1.500\$00

em compras em estabelecimento à escolha do contemplado

Ao que acerte em maior número de resultados

Lanternas eléctricas de algibeira (sem lâmpada e sem pilha), mais uma oferta da **SETEL**, a maior casa em artigos eléctricos em Montijo.

CORTE POR AQUI

CUPÃO N.º 12

Concurso Prognósticos de Futebol de «A Província»

1.ª Divisão		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Académica	Benfica	Farense	Almada
Torreense	Sporting	«Os Leões»	Coruchense
Barreirense	Covilhã	Arroios	Juventude
Setúbal	Porto	Beja	Olivais
Oriental	Cuf	Estoril	Olhanense
Atlético	Caldas	Montemor	Portalegre
Belenenses	Lusitano	Montijo	Portimone.

Nome

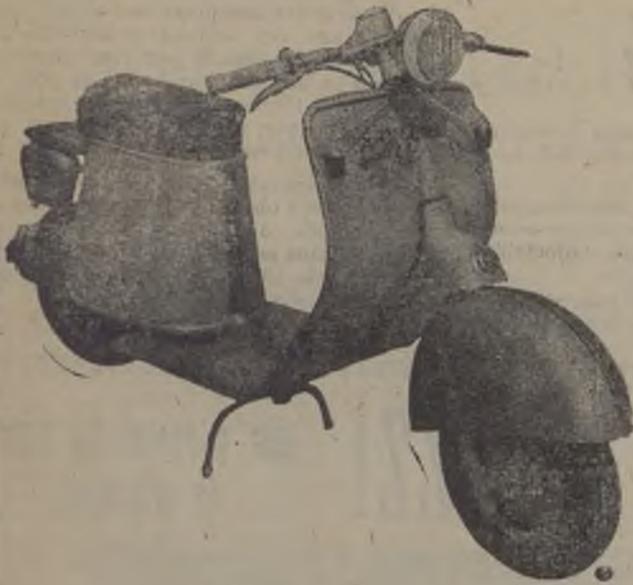
morada

Localidade

«A Província»

Cupão N.º 12

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo 9



SCOOTER FAMEL

Características Técnicas

Motor: — Victoria Werke M 50, a 2 tempos, sem correntes interiores, funcionamento silencioso e arrefecimento por turbina. Cilindrada 50 c. c., desenvolvendo 2,5 H. P.

Consumo: — 1,75 litro ao 100 Km. Mistura óleo-gasolina, 1/25.

Velocidades: — 2 e ponto morto, com starter manual na caixa do motor. Mudanças de punho, no guidador. Embraiagem de três discos, com lamelas de cortiça, em banho de óleo. Caixa de velocidades, sistema veio ôco com esferas, óleo SAE 20, 200 cm³.

Carborador: — Bing com filtro de ar regulável e dispositivo de arranque a frio.

Volante magnético: — Noris, para lâmpadas de 6 V 15/15 W, código.

Chassis: Famel blindado e reforçado, sobre quadro de tubo de aço.

Depósito de combustível: — Interior, com capacidade para três litros (200 quilômetros de autonomia), com torneira de reserva, abastecimento sob o selim corrido.

Farol: — De 205 m/m, cromado.

Jantes: — Blindadas e desmontáveis. Pneus Mabor 3,50 - 8.

Travões: — Interiores na jante. De pé à roda de trás, de mão à roda da frente.

Selim: — Duplo de espuma de borracha.

Suspensão: — Atrás e à frente com amortecedores telescópios de grande curso.

Indicadores de direcção: — Tipo pisca-pisca, atrás e à frente, manuseados nos punhos.

Várias cores à escolha. Caixa com ferramenta e porta-bagagens.

NOVIDADES

A «ADLER - SIXDAYS»

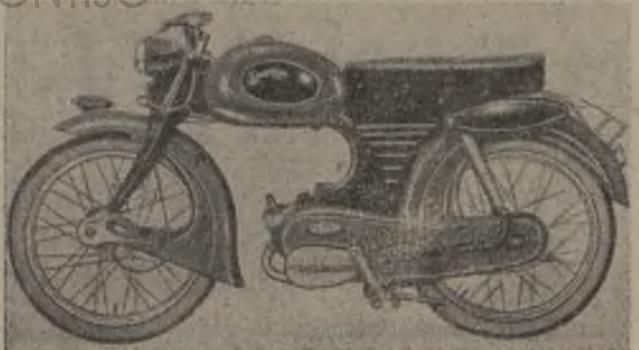
Especialmente concebida para os famosos «6 Dias Internacionais», que descrevemos no passado número e de que voltaremos a falar, a conhecida marca alemã Adler criou a «Adler-Sixdays», apresentando na feira de Frankorf a máquina que alinhou na célebre prova.

Trata-se de um modelo de 250 c. c., que desenvolve 18 cavalos ao freio e possui todas as modificações aconselháveis na prática do moto-cross.



Triumph-Sportfips

Um novo modelo de velomotor alemão, de belas linhas desportivas, equipado com um motor Sachs de 50 c. c., a dois tempos, porta-bagagens e selim corrido. Foi um dos modelos de sensação apresentados na IFMA.



Valentim Lopes Neto

(Continuação das páginas centrais)

caram bloqueadas e os segmentos partidos, de forma que fui para a prova sabendo de antemão que não tinha quaisquer possibilidades, mas queria estar presente e não deixei de travar dura luta com os outros corredores para obter a melhor classificação que me fosse possível.

Estávamos elucidados para esclarecer os nossos leitores.

Finalizámos a entrevista com a pergunta habitual:

— Dê-nos a sua opinião sincera sobre MOTO Jornal?

— Parece-me excelente e que está a cumprir a missão de que se incumbiu.

Apraz-nos registar que também a Valentim Lopes Neto o nosso jornal agradeceu.

A Federação

(Continuação da página 2)

sadores teriam que a resolver.

Meses e meses à espera de uma insignificante taça de casquinha ou de uma medalha de latão, em troca de uma alta inscrição, que foi paga adiantadamente, e do esforço e sacrifício dispendidos, representa um abuso que convém esmagar.

MOTO

N.º 7

Suplemento Quinzenal de

A PROVÍNCIA

N.º 89 — Montijo, 22 de Novembro de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

SOB A DIRECÇÃO DE

José dos Santos Marques

PEGAMOS em qualquer jornal, desde o mais insignificante e mal feito jornaleco de aldeia até ao não menos mal feito mas arrogante jornal diário da cidade, com muitos anúncios que ninguém lê mas que custam uma fortuna e o dístico de ser o de maior circulação, o mais lido, o de maior expansão, o de maior assinatura, etc. — todos são grandes em qualquer coisa —, e o que vemos sempre é um ataque cerrado aos desgraçados utilizadores do guiador motorizado e do volante. Nas próprias revistas de automobilismo, que esporadicamente tratam também de motociclismo, qualquer redactoreco de serviço bota fala sobre os *tresloucados* que tripulam as duas rodas motorizadas. Calcule-se que até os cães embirram connosco...

Nós estamos sempre colocados entre dois fogos. De um lado os cavalheiros que andam a pé e não respeitam o trânsito; do outro os que têm automóvel e julgam que toda a via pública é deles e que o código da estrada só por nós deve ser cumprido.

O que ninguém, humanamente, afirma é que, afinal, todos os mortais, andem a pé, de trotinete, de moto, de «espada», de carroça ou de carrinho de mão, têm as suas culpas e as suas responsabilidades.

Chega-se ao cúmulo de afirmar que os profissionais do volante são as pessoas mais cumpridoras dos artigos do código e dos seus deveres, quando, afinal, todos verificamos que a sua senha é: «salve-se quem puder», «foge ou morres»!

O Código da Estrada está feito apenas para quem tem a infeliz necessidade de conduzir um veículo. Não prevê sanções para o peão — e não há quem o discipline, quem o eduque ou chame à responsabilidade.

Todos nós desde pequenos, nas escolas, — pelo menos — deveríamos aprender as bases elementares das regras de trânsito.

Em grande parte dos casos quem nos pune não só nunca guiou uma moto como não tem, sequer, a noção das dificuldades que a cada passo surgem àqueles que, por serem pobres, na maioria dos casos, e necessitarem de deslocar-se rapidamente para auferir os proventos indispensáveis ao sustento próprio e de sua família, arriscam diariamente a vida num veículo de quase nula estabilidade.

Até o redactoreco do jornaleco, que nunca sentou a base do tronco, sobre duas rodas motorizadas, vem largar balelas, mas é incapaz de atravessar direito uma rua e no sítio mais conveniente.

Quantas vezes sentimos vontade de parar a máquina e intimar certos cavalheiros a tomarem a direcção dela e procurar fazer os malabarismos que executamos através do emaranhado do trânsito.

Esta babilónia tornou-se numa casa onde não há pão — na qual todos ralham e ninguém tem razão, embora quase sempre exista

um bode expiatório.

Concordamos, e por mais de uma vez o temos afirmado, que há scooteristas, motociclistas e micromotoristas indisciplinados — tal como existem automobilistas e peões —, mas o noticiário do jornal não deve ser parcial visando-os em exclusivo. Com um pouco de boa vontade, sacrifício, compreensão e senso, deve procurar educar-se o peão, fazer-lhe ver os graves inconvenientes, para si e para os outros, da forma desregrada como transita e as autoridades, bem atentas nos seus postos, devem exigir iguais responsabilidades para todos.

José dos Santos Marques

ENTRE
MONTIJO
DOIS
Fogos

MOTOS • SCOOTERS • VELOMOTORES

A Federação e a distribuição de prémios

PARA alguma coisa serviu o que se escreveu nestas colunas, logo no primeiro número, sobre distribuição de prémios.

Verificámos, com prazer, que vários clubes se apressaram a entregar os prémios que apodreçam nas suas sedes e que outros, bem mais atentos, fizeram constatar dos regulamentos das provas que os prémios seriam distribuídos após ter terminado a competição.

No entanto, persiste ainda a teimosia de alguns em reter os prémios que há muito deveriam ter sido entregues aos seus legítimos donos.

A Federação deveria impôr, pelo menos, a fixação de um prazo para a entrega dos prémios e os concorrentes não deveriam fazer a sua inscrição, fosse em que prova fosse, sem que os prémios pudessem ser vistos.

Esta coisa de se pagar uma exorbitância pela inscrição numa prova onde se vai arriscar o corpinho e estragar a máquina sem saber o que se vai ganhar, é ridículo.

Bem sabemos que a maioria da «rapaziada» vai apenas por desporto — mas o desporto tem sempre um objectivo e uma compensação, um prémio, que pode não corresponder ao esforço dispendido mas representa um estímulo, alguma coisa porque se luta.

Já nos Circos Romanos os cristãos lutavam pela vida — que representava o seu prémio, conhecido de antemão.

Além de impôr a fixação da data para a distribuição de prémios, a Federação deveria ainda aplicar pesadas sanções aos clubes ou aos organizadores que não respeitassem essa cláusula do regulamento.

Por muitas dificuldades justificativas que se possam apresentar, não haverá nenhuma, certamente, que não possa ser contestada. E se passasse a constituir uma obrigação os organi-

S. M.

(Continua na página 8)

CAMPEONATO DE PORTUGAL

ANTÓNIO Pinto é o Campeão Nacional de Motociclismo. Não lhe negamos o seu indiscutível valor e as suas enormes possibilidades evidenciadas nas provas de velocidade, nem isso está em causa. Em Monsanto, apesar da brilhante actuação de José Luís Salgado e de Domingos Catula, tivemos ensejo de verificar a extraordinária classe que possui. No entanto António Pinto é apenas o Campeão Nacional de Motociclismo em velocidade e, por certo, ele próprio, não se sentirá à-vontade no seu glorioso título. Um verdadeiro campeão deve ser aquele que constantemente está em acção.

Em Portugal, infelizmente, as provas de velocidade são por conta-gotas — e parece-nos que, desta vez, o conta-gotas ficou entupido por algum tempo...

Sendo assim, parece-nos que haveria que procurar uma nova modalidade de encontrar o Campeão Nacional, ou os vários Campeões Nacionais.

Poderíamos ter, pois, o Campeão Nacional de Velocidade — que muito bem e justamente poderia ser António Pinto e o Campeão Nacional de todas as provas que se realizassem no País e que seria aquele que maior número delas conseguisse vencer.

Independentemente, poderia haver ainda o Campeão Nacional de motos, de scooters e de velomotores e até os Campeões Nacionais de cada cilindrada ou grupo de cilindradas.

Aos nossos actuais desportistas da modalidade, apenas assiste o direito de enumerar a quantidade de provas que venceram. Entretanto continuam a vegetar no anonimato para além-fronteiras e talvez seja esta uma das fortes razões que nos leva a contar pelos dedos a presença dos nossos valorosos motociclistas que, se tivessem apoio

Para
motos
scooters e
velomotores

financeiro e boas máquinas, poderiam fazer tão boa figura como os estrangeiros, nas provas internacionais realizadas fora do País.

O Motociclismo Nacional necessita de homens capazes de o guindar ao plano internacional. A frente da Federação devem estar homens de grande poder de iniciativa e os clubes devem organizar provas de categoria como o Rali de S. Marinho demonstrou ser possível — que proporcionem aos valores latentes possibilidades de se colocarem em grande plano. Compete também ao Estado auxiliar a Federação com os meios indispensáveis a esse desiderato.

MOTO Jornal se encarregará de levar ao conhecimento de todos os grandes centros motociclistas internacionais os feitos dos nossos desportistas.

Convirá que as várias marcas representadas em Portugal, através dos seus agentes e representantes, providenciem para que os nossos melhores desportistas sejam enviados lá fora.

Um Campeonato de Portugal, a que a Federação deve meter ombros imediatamente, com vistas ao ano de 1957, será um dos possí-

veis caminhos que conduzirão os nossos representantes às famosas competições internacionais.

Noutro local MOTO Jornal prontifica-se a atribuir anualmente ao Campeão um trofeu de valor e não deixará de conferir igual honra a quem melhor souber representar Portugal além-fronteiras.

A missão da Federação Portuguesa de Motociclismo é ampla e compete-lhe não descurar tudo quanto possa trazer prestígio para o motociclismo nacional, e diligenciar para que a Direcção Geral dos Desportos não esqueça os motociclistas portugueses.



ANTÓNIO PINTO,
Campeão Nacional
de Motociclismo

MOTOS SCOOTERS

Reparações e transformações em todos os géneros

Miguel Salgado

RUA BARÃO DE SABROSA, 530 (AO AREEIRO)

TELEF. 725624

LISBOA

A cronometragem lá fora

Como funcionam a máquina que imprime os tempos e o raio luminoso que atravessa a pista

O «Omega time recorder» compõe-se dum relógio de quartzo e de um mecanismo de impressão. Cada vez que um corredor atravessa a linha de chegada, uma célula fotoelétrica transmite um impulso ao «Omega time recorder», o qual regista e imprime os tempos com uma precisão de centésimos de segundo, sobre uma banda de papel.

O mecanismo fundamental do «Omega time recorder» é constituído por um relógio de quartzo que se põe electricamente em movimento por meio de uma pistola de alarme ou de uma célula fotoelétrica colocada sobre a linha de partida. Não tem rodas dentadas nem esferas, mas acciona uma série de tambores que levam em relevo o número das horas, dos minutos, dos segundos e dos centésimos de segundo. Estes últimos vão dispostos de forma que podem apreciar-se até os milionésimos de segundo.

O «Omega time recorder» é o aparelho de cronometragem mais prático fabricado pela indústria de precisão suíça e de fácil transporte, pois pesa apenas 17 quilos. Tem autonomia absoluta, uma vez que funciona por bateria própria, o que contribui para um fácil emprego em quaisquer circunstâncias.

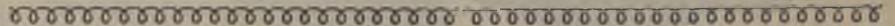
Foi apresentado pela primeira vez nos Jogos Olímpicos de 1952, em Helsínquia.

Desde então tem sido adoptado em quase toda a Europa para a cronometragem das corridas de motociclismo e automobilismo.

O raio luminoso que atravessa a pista, consta de um farol que o pro-

jecta sobre a linha de chegada ou de partida e cai sobre a célula fotoelétrica situada no outro lado da pista. No momento em que o corredor corta o raio luminoso, a corrente interrompe-se e faz funcionar um «ralé» que por sua vez acciona o aparelho de cronometragem. É por este processo que se põe em marcha ou se pára o «Omega time recorder» ou os aparelhos de arranque simultâneo de duas ou quatro unidades.

Este aparelho é de primordial interesse para obter os tempos de records mundiais de motociclismo, quando instalados em série, a maior ou menor distância, para obter o tempo em relação às distâncias cujos records se pretendem bater.



A GUZZI

bate o record do mundo de velocidade



Filva
Lorenzetti está prestes a cortar o raio luminoso que marcará o tempo, Em cima o glorioso motociclista. Repare-se no aparelho utilizado pela equipa de cronometragem que é o mesmo que descrevemos no artigo desta página.



HEINKEL

A famosa marca alemã

Apresentou o seu modelo KABINE, equipado com o já bem conhecido motor a 4 TEMPOS, o que o torna o carro mais económico do mundo consumindo apenas 3 litros aos 100 Km.

Preço 24 900\$00 Taxa 1.050\$00

Representantes

SIMOTAL

Av. de Roma, 27- A Telefone 776319

LISBOA

MONTICHIARI

A oito cilindros Guzzi de 500 c. c. e a Guzzi 350 c. c. monocilíndrica conquistaram os «records» mundiais de velocidade, com arranque, nas distâncias de 1 km. e uma milha. Trata-se de um feito verdadeiramente excepcional, em primeiro lugar pela qualidade dos resultados já obtidos e depois pelas imensas dificuldades técnicas que as provas do género apresentam e sobretudo porque as máquinas não tiveram a preparação prévia requerida para estas difíceis tentativas (e ainda porque, tratando-se de máquinas normais de corrida, das quais se sabia o que os motores poderiam dar em cavalos, limitaram-se, para aumentar a potência, a misturar álcool no combustível).

A tentativa efectuou-se no campo de aterragem do aeroporto de Montichiari (Brescia), que tem uma pista comprida e larga, mas menos plana do que as auto-estradas alemãs e as famosas planícies do Lago Salgado, na América do Norte.

O dia de sol de 18 de Outubro, sem neve e sem vento, favoreceu a tentativa da Moto Guzzi: Enrico Lorenzetti, o primeiro a aparecer em campo, superou e melhorou sempre, a cada passagem, o «record» precedente da 350 N. S. U. bicilíndrica que, pilotada por Herz em 1951, na auto-estrada de Monaco-Ingolsland, na Alemanha, tinha realizado no quilómetro a média de 146 km./h. e na milha a média de 164 km./h.

A velocidade de Lorenzetti, obtida nas duas passagens obrigatórias para a realização de cada um dos «records», é tecnicamente importantíssima pelo facto — que já tínhamos salientado — de a máquina 350 da Moto-Guzzi ser normal, sem compressor, tratando-se da que é habitualmente empregada pela firma em provas de circuitos.

Outra vulgar máquina de corrida, sem modificações especiais para o efeito, é igualmente a 8 cilindros Moto-Guzzi sem compressor que, conduzida por Dickie Dale, bateu os «records» mundiais de arranque do quilómetro e da milha,

(Continua na página 3)

por
L. MOREL

O EQUILÍBRIO

(Conclusão do número anterior)

Aderência ao solo

DEPOIS de termos analisado as diferentes forças a que o veículo motorizado de duas rodas está submetido, nos casos mais correntes, vamos examinar como se porta sobre a estrada. Com efeito, até aqui, temos considerado o veículo como um bólide alado na atmosfera, mantido em equilíbrio pelo jogo das diferentes forças que lhe são aplicadas. Uma delas, que apenas foi criada para melhor compreensão do que pretendemos explicar, é a reacção do solo. Vamos agora substituí-la pelo seu concreto representante: o próprio solo. Isto obrigamos a considerar a medida em que a máquina e o solo estão ligados.

Distribuição da carga

A máquina está em equilíbrio sobre duas rodas, uma dianteira e outra traseira. Este detalhe — estando bem patente — escapa frequentemente a muitos condutores para os quais estas duas rodas nada mais representam que a diferença da sua localização. No entanto, os pontos mais importantes das regras de segurança a adoptar na condução vão depender da forma de repartir a carga (toda a motocicleta em si

o que sobre ela se transporta) sobre estas duas rodas.

a) — *Parada* — A máquina é-nos entregue tal como foi concebida pelo condutor, ou mais exactamente, com o centro de gravidade que lhe damos quando a equipámos com os seus acessórios e nos sentámos em cima. A posição deste centro de gravidade (que representa, repetimos, o ponto em que se pode concentrar a máquina sem modificar o equilíbrio) em relação às duas rodas, condiciona a repartição da carga. Quanto mais atrás está colocado



o centro de gravidade, mais carregada está a roda traseira e menos a dianteira. Nos scooters, por exemplo, pela maneira como são geralmente construídos, o centro de gravidade está situado bastante atrás, o que permite levantar facilmente a dianteira para subir um passeio. A mesma operação torna-se mais difícil com uma moto clássica do mesmo peso se o centro de gravidade desta está situado adiante.

Desta forma, o centro de gravidade representa entre as duas rodas o peso total da máquina favorecendo a roda que está mais perto.

b) — *Em marcha, em plano e a*

velocidade constante — Não há modificação sensível relativamente ao caso a).

c) — *Em marcha, em plano, acelerada* — A criação da força de inércia vai ocasionar uma modificação na repartição da carga. Esta força aplicada ao centro de gravidade tende a travar o veículo e a apoiar a máquina sobre a roda traseira, carregando esta e descarregando a dianteira. Então a máquina arrebita e a suspensão traseira afunda-se, sinal de que a carga que suporta aumenta. No caso da aceleração, a roda traseira está de encontro ao solo com maior força.

d) — *Em marcha, em plano e desacelerada* — Pelo mesmo processo aplicado no sentido inverso, a desaceleração sobrecarrega a roda dianteira e descarrega a traseira. A máquina apoia-se sobre a parte dianteira, a suspensão e o pneu dianteiro afundam-se e então a carga suportada pela roda dianteira também aumenta. No caso de travagem, a roda dianteira adere ao solo com maior força ainda.

e) — *Em marcha e em subida* — Quando a máquina não está horizontal, a distribuição da carga também se modifica. Como máximo a máquina pode estar de pé sobre uma só roda, que suporta os 100% da carga. Quando a máquina sobe uma encosta, é quando a roda traseira está mais carregada. Quando desce é a roda dianteira.

Leia no próximo número:

Um artigo de interesse sobre o Motociclismo nor-tenho.

A sensacional máquina espanhola

SANGLAS - MONTANHA

(Conclusão do número anterior)

OS pontos primordiais que descrevemos, poderíamos juntar inúmeros aperfeiçoamentos, dos quais é particularmente importante a magnífica suspensão por amortecedores hidráulicos na forquilha dianteira e na parte posterior por braço oscilante com amortecedores superdimensionais da máxima eficiência.

Finalmente, quanto à sua apresentação exterior, limitá-nos-emos a dizer que a máquina, adquirindo um sugestivo aspecto desportivo, nada perde da clássica e sóbria elegância das linhas características da marca «Sanglas».

R. M. E. Q.

(de «Moto Record»)

Por não termos recebido de Barcelona a tempo de ser publicada a fotografia desta máquina, guardaremos a sua publicação para outro número de MOTO Jornal.

Arquivo

Palavras do nosso distinto colega do «Diário Popular», Carlos Nuno Lopes:

«Foi com grande satisfação que verifiquei que os desportos sobre duas rodas já possuem um jornal que, diga-se desde já, está perfeitamente condensado, sendo o seu aspecto gráfico muito bom e os artigos publicados de muito interesse para o motociclista em geral.

Faço votos para que este suplemento bi mensal do prestigioso jornal «A Província» obtenha todo o êxito necessário à causa do desporto motorizado».

António Noronha

(Continuação das pág. centrais)

— É um tanto difícil emitir uma opinião tendente a indicar qual o concorrente com «direito» a merecer o troféu BRIO DESPORTIVO: em minha opinião, muito pessoal e que de certo nenhuma influência terá, parece que, a fórmula proposta pelo MOTO Jornal — consulta votação entre todos os concorrentes — sendo de facto interessante, poderia não corresponder aos desejos do seu instituidor; como estes devem ser respeitados, entendo que, melhor do que ninguém, deve o MOTO Jornal designar esse motociclista, quanto muito, após lhe ter chegado qualquer confirmação de um detalhe sobrerrelevante, que justifique essa designação.

Se abordo a minha opinião particular, para satisfazer o seu pedido, entendo que não deveria ser esquecido que, entre todos os que estiveram em Monsanto deve diferenciar-se o grupo ou grupos que representavam determinadas marcas ou firmas, por conseguinte concorrendo por conta de outrem e aquele outro grupo individualmente apresentado que, sem quaisquer subsídios, portanto com bastantes sacrifícios e com máquinas insuficientemente preparadas, foram lutar contra os que — embora também com igual valor desportivo — tiveram determinados apoios.

A finalizar a nossa entrevista, sugerimos:

— Teríamos muito interesse em conhecer a sua sincera opinião sobre «MOTO Jornal» e em arquivar, a propósito, algumas palavras com que quizesse distinguir-nos:

As minhas palavras para o suplemento do jornal «A Província» vão com sinceridade e seja esta, a única razão de algum valor para ali ficarem consignadas. Os meus votos são para que alcance plenamente o seu objectivo de concorrer para o desenvolvimento do motociclismo nacional, apresentando como até aqui, uma ideia de crítica construtiva, com intuítos alevantados e a bem do motociclismo nacional.

Os votos de António Noronha são os nossos desejos e tudo faremos para os manter.

A NOVA GUZZI de 175 c. c., sport

A FIRMA desportiva de Madello Lario, que mantém ainda o campeonato do Mundo dos construtores em 350 c. c., apresenta este ano um novo modelo, o 175 c. c. Sport, destinado a substituir o 250 c. c. Airone, aparecido antes da guerra e que fez a sua época.

Ainda que chamado Sport, este 175 c. c. representa de facto um compromisso entre as boas performances e a robustez tradicional das GUZZI.

Eis a sua descrição técnica:

Bloco motor a 4 tempos, cilindro inclinado a 45°, diâmetro 62 mm., curso 57 mm., 8 (super-quadrado), taxa de compressão 8:1, potência 9,2 HP a 6.400 RPM, couple máximo 1,13 mkg. entre 4.500 e 5.000 RPM.

Cabeça em duro-alumínio, piston levemente alto, com 3 segmentos de compressão e um de óleo. Válvulas à cabeça com uma inclinação de 45°. Um dispositivo especial que não é definido pelo construtor compensa a

dilatação térmica do cilindro e da cabeça, e os efeitos que ela produz pela velocidade da corrente de comando A. C. T., sobre o dispositivo (calage) da distribuição.

A transmissão primária efectua-se por engrenagens de perfil helicoidal. A caixa de 4 velocidades, é comandada por alavanca-pedal. Raports de multiplicação final: 18,5 - 11,59 - 8,15 e 6,47 por 1. Lubrificação por carter seco. Carburador de 22 mm, de passagem. Instalação eléctrica por dínamo-bateria-bobine. Quadro tubular. Suspensão da frente telescópica, suspensão

oscilante hidráulica. Rodas 18x2,50 à frente, 17x3 atrás. Travões com diâmetros de 160 mm. à frente e 150 mm. atrás, mamilas com 30 mm. de largura.

Depósito para 12 litros. Peso da máquina, vazia, 110 kg.

Trad. de José António Cruz

A «GUZZI» bateu o record do mundo de velocidade

(Continuação da página 7)

com média muito elevada; «records» que pertenciam, em fins de 1955, à máquina 500 c. c. N. S. U. de 2 cilindros, com turbo compressor e inteiramente carenada, com as médias, res-

pectivamente, de 164 e 183 km./h.

Mas vejamos as médias conseguidas nas duas Guzzi de 350 e 500 c. c. por Lorenzetti e Dale:

Classe 350: Quilómetro de arranque em 24 s. e 29/1000 à média de 148,209 km./h. Milha de arranque em 34 s. e 92/100 à média de 166 km./h., por Lorenzetti.

O inglês Dale, na Guzzi de 8 cilindros realizou o seguinte feito extraordinário:

Classe 500: Quilómetro de arranque em 21 s. e 94/100, à média de 164,803 km./h. Milha de arranque em 30 s. e 09/100, à média de 186 km./h.

No total a Guzzi estabeleceu oito «records»: 2 com Lorenzetti, na classe 350 e 2 com Dale, na classe 500 com oito cilindros, que valem ainda pelas classes 750 e 1.000.

A Moto Guzzi detem o «record» dos «records» mundiais: 109 no seu activo.

CECCARIUS

Tradução de Leal de Carvalho

TAÇAS DESPORTIVAS

PEÇA O NOVO CATÁLOGO
ILUSTRADO COM 48 MODELOS

ao fabricante

JÚLIO MIRANDA

Fornecedor dos principais clubes

TRAV. CRUZ DE SOURE, 2 — TELEF. 28991 — LISBOA

O SALÃO DE PARIS e a IFMA

DENTRO das modestas proporções de MOTO Jornal não cabe a reprodução fotográfica dos numerosos modelos, alguns de características sensacionais, apresentados nos salões de Paris e na IFMA, em Francfort.

Em ambas as exposições se assistiu a uma exuberante demonstração do poder criador do técnico e dos desenhadores e do extraordinário engenho dos expositores de «extras».

Assistiu-se, tanto no campo da técnica como das «performances» e da plástica, às mais diversas manifestações das enormes possibilidades inventivas do homem.

Na Alemanha, a IFMA, apresentou novos modelos da Adler, Anker, Binz, BMW, Bucker, DKW, Dürkopp, Express, Glas, Golberg, Göricke, Hecker, Heinkel, Hercules, Horex, Kleinschnittger, Kreidler, Maico, Mars, Messerschmitt, Miele, N. S. U., Panther, Rabeneick, Rex, Rixe, Simson (Awo), Triumph, Ut, Victoria, e Zündapp, apresentaram novos modelos de velomotores, scooters, motos e de pequenos automóveis de baixa cilindrada.

No salão de Paris, de importância internacional e onde expõem os grandes construtores europeus, foram numerosos os modelos apresentados.

Em 50 c. c. foram expostos os novos modelos: Alcyon, Automoto, Europ Favor, Gitane, Magnat-Debon, René Guiller, New-Map, Lucer, Follis, Motobloc, Motobécane, Paloma, Peugeot, e Rowiel.

Nos 100 e 125 c. c.: A. G. F., Alcyon, Automoto, Favor, Gitane, Follis, Gnome & Rhone, René Guiller, Lucer, Magnat-Debon, Monet-Goyon, New-Map, Motobécane, Motobloc, Peugeot, Ravat, Terrot, e Ultima.

Em 175 c. c.: Alcyon, Follis, A. G. F., René Guiller, Gitane, Gnome & Rhone, Liberia, Magnat-Debon, New-Map, Motobécane, e Peugeot.

Nas 250 c. c.: Automoto, Alcyon, Monet-Goyon, René Guiller, Peugeot, Riva-Sport-Industrie, Terrot, Excelsior, Royal-Enfield, B. S. A., Pan-Nonia, Gilera, Adler, Maico, N. S. U., D. K. W., F. N., Jawa, e Puch.

Em 350 c. c.: Motobécane, B. S. A., Ariel, A. J. S., Norton, D. K. W., Maico, Royal-Enfield e Jawa.

Nas de 500 e mais c. c.: Terrot, B. S. A., Ariel, Horex, Norton, Sunbeam, Triumph, Royal Enfield, Matchless, B. M. W., e Zundapp.

Em scooters: Alcyon, Lambretta, Manurhin, Monet-Goyon, Motobécane, Peugeot, Puch, Riva-Sport-Industrie, Terrot, Taon, e Vespa.

O Troféu Brio Desportivo

continua a apaixonar os meios motociclistas

SÃO tão divergentes as opiniões, tanto para a interpretação do brio desportivo dos corredores de Monsanto, como da forma pela qual o troféu deve ser atribuído, que cada vez vai sendo mais difícil estabelecer uma norma ou poder apurar com rectidão qual o concorrente que, de facto, o mereça.

Em cada dia um novo nome é sugerido, uma nova ideia surge para se proceder à atribuição e cada vez vai sendo mais difícil atribuí-lo com verdadeira justiça.

Estes factos levam-nos a emitir também uma opinião, que nos parece, até ao momento, a que, com maior justiça, serviria simultaneamente para galardoar o espírito desportivo dos corredores que o evidenciaram — e está provado que foram vários, pelas mais diversas circunstâncias e por múltiplas formas — e poder atribuir o troféu a alguém, sem que qualquer pudesse sentir-se prejudicado ou ferido nas suas susceptibilidades.

A nossa sugestão é simples e relativamente fácil.

Gravar-se-iam na taça os nomes de todos quantos, de algum modo, evidenciaram brio desportivo nas corridas de Monsanto. Esta seria uma forma de perpetuar os seus nomes.

Depois o troféu seria posto em disputa durante o próximo ano de 1957 e finalmente entregue no fim desse ano ao vencedor do maior número das provas — quer fosse velomotorista, scooterista ou motociclista — que se disputassem em todo o país, sem haver a preocupação de ter em conta quem os organizasse.

Esta seria, quanto a nós, a melhor forma de a atribuir.

MOTO Jornal toma desde já o compromisso de oferecer um novo troféu para cada um dos anos seguintes e a atribuir pelo mesmo processo, isto é: ao vencedor do maior número de provas de cada ano.

Esperamos que os milhares de leitores de MOTO Jornal nos indiquem, num simples postal dirigido à nossa redacção: Av. D. Nuno Alvares Pereira, 18 — Montijo, se estão ou não de acordo com a nossa ideia. Cremos que os nossos prezados leitores que verdadeiramente amam o desporto motorizado não deixarão de roubar aos seus lazeres uns escassos minutos para a remessa desse postal e nenhuma justificação ou comodismo haverá a evocar para que o não recebamos. Precisamos absolutamente da opinião de todos. Não é apenas com alguns que se pode construir o prestígio de um jornal como o nosso, mas com o apoio e compreensão de todos.

Chamamos mesmo a nós toda a colaboração dos motociclistas, velomotoristas e scooteristas. Todos não são de mais para que MOTO Jornal constitua uma força e reforce o valor que possui. É grato verificar que as opiniões e juízos que nestas colunas têm sido dispensados, têm encontrado eco e apoio na grande massa que constituímos. Isso vem cimentar a ideia de que MOTO Jornal é uma publicação necessária e que os seus processos — que procuramos manter honestos — agradam totalmente.

Não é apenas com elogios que conseguiremos vencer, antes pelo contrário, as críticas é que nos fazem falta, mas as críticas construtivas, evidentemente. Porisso aqui estamos, de braços abertos e coração franco, certos do apoio e colaboração de todos.

O troféu «Brio Desportivo» quando este número de MOTO Jornal vir a luz da publicidade, estará já exposto à curiosidade compreensível dos montijenses na conceituada casa SETEL.

Perdoar-nos-ão, certamente, que o não tenhamos exposto desde logo na simpática e florescente vila onde A Província e o seu suplemento MOTO Jornal se publicam, mas quisemos, primeiramente, que os de fora (permitam-nos o termo) pudessem apreciar como sabemos honrar as cores verde — amarelo da nossa terra e as suas tradições.

Agora serão os montijenses a tomar conhecimento que o seu jornal sabe ocupar o seu verdadeiro lugar quando há necessidade de colocar o prestígio da terra em lugar de destaque.

VÍCTOR NÉVOA
em moto

SARMENTO REBELO
em scooter

Vencedores absolutos do

RALI DE S. MARTINHO

uma impecável organização do CLUBE ARTE E SPORT

O Clube Arte e Sport, integrado nas comemorações do seu aniversário, realizou mais uma vez o já tradicional Rali de São Martinho, incluindo desta vez categorias de motos e scooters. A organização foi, no dizer de todos os concorrentes — tanto dos trinta e tal que partiram, como dos treze que chegaram, além dos numerosos automobilistas —, formidável. E, de facto, assim a podemos qualificar, pois os mais simples pormenores foram cuidados.

Todos os cronómetros utilizados nos controlos estavam encerrados dentro de caixas electrificadas e os relógios-padrão equipados com um termómetro para regular a temperatura am-

biente. Os postos de controle utilizaram as habituais bandeiras de sinalização devidamente agitadas e uma lâmpada eléctrica que assinalava a sua presença.

Outro pormenor de enaltecer foi a antecipada exposição dos prémios e a sua distribuição no mesmo dia em que a prova terminou.

Quanto ao rali em si foi uma prova bastante dura e difícil mas, por estas mesmas razões, de grande valor desportivo.

A seriedade e competência que presidiram à sua realização prestígia altamente o desporto motorizado e o Clube Arte e Sport. São provas deste quilate que fazem falta no calendário desportivo nacional e são organizações deste género que dignificam quem as empreende.

Uma prova de estrada longa, cerca de setecentos quilómetros, cheia de dificuldades e provas complementares que proporcionaram a todos os concorrentes iguais possibilidades, constituíram o rali.

Em todos os controlos, que foram numerosos e, em certos sítios, bem perto uns dos outros, número suficiente de comissários e todos eles, de inegável competência.

De assinalar também o árduo trabalho de dar a público, em completos e pormenorizados quadros, em escassas horas, os resultados parciais e globais das classificações, que assim ficaram estabelecidas:

MOTOS:

1.ª Classe: — 1.º Domingos Malhou, 2.º José Nunes Correia.

2.ª Classe: — 1.º VÍCTOR NÉVOA (vencedor absoluto), 2.º Fernando Espírito Santo, 3.º António Carlos Rodrigues, e 4.º Carlos Miranda Ferreira.

3.ª Classe: — 1.º Giordano Ferreira, 2.º Valentim Lopes Neto.

SCOOTERS:

2.ª Classe: — 1.º ANTÓNIO SARMENTO REBELO (vencedor absoluto), 2.º Viriato da Cruz Santos, 3.º José Pedro Gil.

3.ª Classe: — 1.º Rui de Noronha, 2.º Armando Sousa Rodrigues,

À noite, durante o jantar comemorativo do aniversário do Arte e Sport, realizou-se a distribuição dos prémios.

Esperamos que o Arte e Sport não fique por aqui e passe a incluir as motos e scooters nas suas provas, para honra e prestígio do desporto motorizado.

Valentim Lopes Neto

pode ser um dos candidatos ao troféu «Brio Desportivo»

VALENTIM LOPES NETO é um indiscutível valor do nosso motociclismo e um dos mais populares corredores, quase sempre presente nas inúmeras provas que se realizam no país durante o ano.

O seu desportivismo e amor à causa é sobejamente conhecido para ser adjectivado. É o que chamamos, em linguagem popular, um bom rapaz. As suas fúteis discussões nada mais revelam do que um feitiço irrequitado mas sempre disposto à reconciliação.

Soubemos das precárias condições em que alinhou em Monsanto e não quizemos deixar de o ouvir para MOTO Jornal nesta ânsia em que andamos empenhados de atribuir com justiça o troféu «Brio Desportivo».

Começámos pela pergunta usual neste nosso inquérito:

— Já viu o troféu? Que tem a dizer sobre ele?

— Não podia deixar de o ver, é simplesmente uma maravilha.

Achámos um pouco exagerada a opinião, mas o seu entusiasmo é sincero. Prosseguiamos:

— Como lhe parece que deveria ser atribuído?

— Por votação.

— Gostaria que lhe fosse conferido?

— Creio que nenhum desportista desdenharia ter na sua sala de troféus aquele que MOTO Jornal ofereceu.

Quizemos saber as condições em que

Valentim Lopes Neto alinhou em Monsanto:

— Como todos verificaram, a minha máquina só arrancou quando os outros estavam já a meio da primeira volta. É uma máquina submetida a intenso esforço e com apreciável quilometragem.

A minha inscrição foi feita à última hora e não tive tempo de lhe fazer uma revisão cuidada. No treino, que teve lugar antes da prova, as velas fi-

(Continua na página 3)

Uma máquina de concepção arriscada

A «TAON» de 125 c. c.

A 125 c. c. produzida por Dery despertou bastante interesse pela sua concepção verdadeiramente revolucionária e construção mista de tubo e chapa. O quadro compõe-se de um tubo central do qual está suspenso o motor e na sua base se articulam os braços oscilantes, sobre os quais se apoiam os guarda-lamas e o selim duplo, que pode também ser corrido.

A suspensão dianteira, do tipo Earles, comporta um só tubo centrado solidário com a direcção, que serve de base e eixo de articulação dos braços oscilantes e o guarda-lama suporta igualmente os amortecedores.

O motor é A. M. C., a dois tempos, três velocidades, desenvolvendo 5,5 H. P. e 6.000 rotações por minuto.

António de Noronha

Director do Circuito Motociclista de Lisboa, opina sobre o troféu «Brio Desportivo»

PROCURAMOS o sr. António Henrique de Sousa Noronha no seu gabinete de trabalho onde gentilmente nos recebeu. Exposta a razão da nossa visita desde logo se prontificou à entrevista que lhe solicitávamos.

Começámos por inquirir: — Apreciou já o troféu «Brio Des-

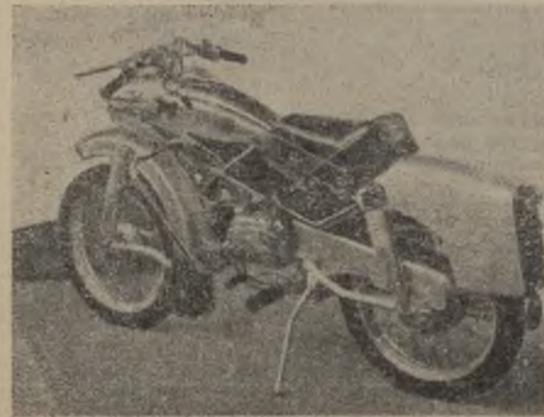
portivo»? Quer dar-nos a sua opinião sobre ele?

— Tive já oportunidade de observar o belo troféu que o MOTO Jornal ofereceu para ser atribuído ao concorrente que tivesse revelado melhor BRIO DESPORTIVO nas corridas do I Circuito Motociclista de Lisboa e devo dizer-lhe que esse troféu, quer pelo seu real valor, dado o seu artístico aspecto, quer pelo seu significado, muito deve ser apeteido por todos os motociclistas que estiveram nas corridas de Monsanto, organizadas com tantos sacrifícios, pelo Moto Clube de Lisboa.

A iniciativa do MOTO Jornal em oferecer esse troféu por forma que possa caber a um concorrente que notoriamente se distinguisse — embora não tivesse alcançado um primeiro lugar — mas fosse em tudo, desportivamente, um exemplo digno de apontar, é tanto de louvar, como foi de enaltecer o aparecimento do jornal, exclusivamente destinado aos homens das duas rodas, visto que até hoje tal não tinha sido possível.

Prosseguiamos: — Quererá dar-nos o seu parecer quanto à forma como deve ser atribuído?

(Continua na página 3)



do Minho ao Guadiana

ESTREMOZ

O Dia 11 de Novembro
de 1956

O 38.º aniversário do armistício, foi comemorado nesta cidade com grande brilhantismo, colaborando no mesmo todas as colectividades, incluindo as duas Bandas locais. A cerimónia, que se realizou junto do apreciado monumento aos Mortos da Grande Guerra, teve a apresentação militar constituída por um esquadrão de cavalaria 3, Guarda Nacional Republicana e Polícia de Segurança Pública.

A parte civil fez-se representar pelos Bombeiros, Combatentes, Mocidade Portuguesa e alunos das escolas primárias.

Assistiram à cerimónia os srs. Presidente da Câmara Municipal, Comandante do regimento de Cavalaria 3, e mais entidades oficiais.

Os alto-falantes chamaram para depor flores no monumento, em primeiro lugar, um filho de um combatente que caiu heróicamente no Campo de Batalha, que o Governo da Nação, de então, condecorou com a *Terra e Espada*, seguindo-se o Sr. Presidente da Câmara e o Sr. Comandante Militar, combatentes, Guarda Republicana, Polícia de Segurança Pública, Bombeiros Voluntários, Mocidade Portuguesa, Alunos das Escolas Primárias e restantes colectividades.

Terminada esta chocante cerimónia, o monumento, que é um dos melhores do nosso País, em virtude do magnífico trecho escultural que o mesmo representa,

ficou com um aspecto que a todos os presentes sensibilizou.

Aproximou-se então do alto-falante o aspirante a oficial, sr. António Afonso Correia Vedés, que, focando o esforço que Portugal fez na Guerra de 1914 a 18, disse entre outras frases: «A Pátria e a República sacrificaram-se pelo Bem da Humanidade».

Falou em seguida o Presidente da Delegação dos Combatentes da Grande Guerra, o sr. Tenente E. G. Graça Gonçalves que, numa oração bem expressiva e humana, disse também: «O esforço e a perda de tantos milhões de homens, de nada serviram. Os homens continuam e continuarão sem se compreender e em 39, nova deflagração, perdendo-se novamente muitos milhões de homens.

Precisa-se de solidariedade humana para todos os actos praticados pelos homens, de forma a que as guerras sejam condenadas ao ostracismo, como um crime de lesa-humanidade.

Ao terminar o Sr. Tenente Ernesto Júlio Graça Gonçalves, ainda disse: «Compete-nos a nós honrar a memória dos portugueses que caíram ao serviço da Pátria, pedindo dois minutos de silêncio».

Os combatentes também foram em romagem, ao cemitério, depor flores nas campas dos seus antigos camaradas, e a organização das cerimónias, esteve a cargo do Presidente da Delegação dos Combatentes da Grande

Guerra, desta cidade, Sr. Tenente Ernesto Júlio Graça Gonçalves.

Ao completar esta notícia, não podemos deixar de mencionar a deliberação da Câmara Municipal de Estremoz, que mandou colocar flores na placa do magnífico monumento, com vários desenhos, o que mereceu a admiração de todos os Estremocenses, pelo efeito produzido e, portanto, igualmente os nossos aplausos.

— Continuando a série de conferências culturais, o Orfeão Tomás Alcaide de Estremoz realiza, no dia 30 do corrente, pelas 21,30 horas, mais uma dessas instrutivas sessões.

A desta vez realiza-se no Teatro Bernardim Ribeiro e é conferencista o patrono do Orfeão, — o ilustre cantor estremocense que tantos títulos de glória conta na sua vida artística.

Tomás Alcaide será apresentado pelo Dr. Silva Tavares, e a conferência tem por título: «A arte de cantar».

Como é natural, em face do valor e da excepcional competência do conferencista, a conferência dessa noite está despertando o mais vivo interesse. O Orfeão abrirá e fechará a sessão, executando o hino da colectividade.

Desde já auguramos um profundo êxito à projectada conferência e apresentamos ao seu autor as saudações e as homenagens de «A Província». — (C.)

Baixa da Banheira

(Alhos Vedros)

— *Clube União Banheirense «O Chinquilho»* — No n.º 87 deste jornal, referimo-nos à inauguração da nova época festival no salão desta colectividade. Em virtude de termos antecipado a notícia, não nos foi possível publicar o nome do elemento musical, o que muito gostosamente hoje vamos fazer. Abrihantou o festival em referência o apreciado Conjunto Musical «Unidos do Jazz», nosso dedicado assinante no Alto Estanqueiro (Montijo) que se compõe dos seguintes elementos: António Chitas, Manuel da Guia, Francisco Ladislau, António L. da Silva, José Farrim e como vocalista o sr. José António Frago, que mais uma vez nos merece especial referência, pela forma simpática como actuou de princípio a fim. «A Província» por intermédio do seu correspondente local e como era seu dever, na devida oportunidade, apresentou-lhe os seus cumprimentos. Retribuindo também os seus cumprimentos, o referido Conjunto Musical, teve a honra de nos dedicar o número especial «Fado de Montijo». A todos, muito gratos pelo amável gesto de simpatia.

— *Agência Lince* — Com este título acaba de abrir um novo estabelecimento na Estrada Nacional (junto à nova Estação dos C. T. T.) desta localidade, que se encontra devidamente habilitado a tratar de assuntos oficiais, junto das Câmaras: Moita e Barreiro, e de que é seu mui

digno proprietário, o nosso amigo sr. Ezequiel José Patrício. Por intermédio de «A Província» os nossos votos de muitas e sinceras prosperidades.

— *Iluminação Pública* — Embora contra a nossa vontade o façamos, é verdade, mas não podemos continuar, silenciosos. Voltamos a repetir: quase todas as ruas desta localidade se encontram já com bem poucas lâmpadas acesas e principalmente, como de costume e bem à vista, a Estrada Nacional. Não pedimos muito: apenas a substituição das lâmpadas que se encontram talvez, fundidas, para melhor podermos ver por onde se possa passar, de noite, e claro, por algumas ruas que se encontram transformadas em autênticos lamaceiros e lagos de água. — (C.)

Buarcos

O grupo «Caras Direitas» comemora o seu 49.º aniversário, no dia 1.º de Dezembro, com um programa cheio de atracções. Além duma sessão de cinema para crianças, realiza uma sessão solene seguida doutra sessão cinematográfica. À sessão solene preside o sr. engenheiro Fernando Muñoz de Oliveira, presidente da Câmara da Figueira da Foz.

Agradecemos a gentileza do convite enviado. — (C.)

DR. EDUARDO PERDIGÃO

Clinica Geral - Operações

||||

Consultório e Residência:

R. José Joaquim Marques, 28

Telef. 026473

mada, caíra numa cadeira em choro convulsivo e a murmurar em estralamentos histéricos:

— Minha mãe... minha mãe...

* * *

Estavam em pleno idílio.

De princípio, ela quisera ainda resistir, «fazer-se valer»; mas o irremediável e a fatalidade traçaram-lhe a «linha perdida na palma da mão».

Já não podia recuar. E então entregou-se à sorte e à loucura da paixão nascente.

Seria o que Deus quisesse!

O amante vinha de dia, na visita do costume, para disfarçar; e às noites, a horas mortas, pela porta fatídica do quintal, para as entrevistas.

Durante as visitas diárias para disfarçar, ela mordida-se, custava-lhe a máscara, a cerimónia, aquele «ofício de corpo presente», desesperada por se lhe atirar ao pescoço e beijá-lo demoradamente, ternamente, na ânsia de amor que a dominava agora; nas entrevistas nocturnas, depois da mãe e do irmão dormirem profundamente, lá ia encontrar-se com ele.

O sr. Morais andava radiante!

Possuía a moça mais perfeita e mais mulher da aldeia; via que a «sua» Ermelinda perdera o acanhamento e mostrava-se-lhe sem reservas, perdinha por ele, sempre mais mimalha e carinhosa; e tudo corria às mil maravilhas, livre de sobressaltos e de solavancos.

Já não ia a casa aos sábados e cortara de vez com a Angélica, — esquecendo lamentavelmente a gratidão que lhe devia, pelos anos de convívio, pela assistência nas doenças, pelos cuidados e disvelos de tanto tempo. A pretexto de vagas desinteligências, de propósito exageradas, tivera com ela um conflito azedo, muito irritante, e saíra com a afirmação de não mais voltar.

Na semana seguinte não foi, nem mandou a prestação habitual e a roupa.

(CONTINUA)

Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

De súbito, senti que ele a beijava furiosamente, que a apertava até magoar, que balbuciava frases lindas, com música vinda do céu ou do inferno, que não tinha acção para o repelir, não dispunha da vontade para o afastar...

O hálito queimava, os beijos queimavam, — eram chamadas que a envolviam, que lhe tolhiam os movimentos.

— Para onde ia levada?

Um esvaimento geral se apossava das últimas resistências, — qualquer criança a podia tombar, deitar por terra, sem que lhe valesse o mais seguro amparo.

Ao acaso, como autómatas e inconscientes, gemia ainda: — Minha mãe... Minha mãe...

Quando mais tarde recuperara a vaga noção das coisas e se encontrara sòzinha no quintório, amarfanhada, aérea como o doente depois da operação, veio-lhe à ideia, sem saber porquê nem porque não, a história da Maria Alegria, — única perdida no passado da sua aldeia, que a avó lhe contava para a adormecer nas noites álgidas dos Dezembros:

— «Assaltada numa azinhaga a caminho do rio, de mordação e afogadinho, andava depois ao desprezo de toda a gente, corrida e achincalhada pelo rapazio até que fugira para a cidade, onde se vendia nas ruas suspeitas sob a vigilância da polícia. Durante muitos anos era a maior ofensa que se podia atirar a qualquer rapariga: — chamar-lhe Maria Alegria, — e no futuro, — quem o sabia? — talvez lhe chamassem também assim, com razão e com verdade... Talvez lhe prantassem: A «Ermelinda calatra»...

Maquinalmente dirigira-se para casa; e, ao entrar na cozinha desarru-

Página Agrícola

A Cochonilha



N.º 2 — Organizada por **Luis Bonifácio**

Algumas considerações

sobre a campanha das calagens

Em boa hora o Ministro da Economia, por intermédio dos seus serviços competentes, — a Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, iniciou a presente campanha das calagens.

E do conhecimento geral que cerca de 83% dos solos de Portugal acusam um PH menor que 5. Nestas condições é impossível obter boas produções, de pouco ou nada valendo o emprego de adubos de reacção ácida ou que favoreçam a acidificação das terras. É mais uma despesa a juntar a tantas outras que não compensam, podendo mesmo resultar em manifesto prejuízo, se o solo for levado à esterili-

ultrapassam em muito aquele valor. Estranhámos que nesta campanha, destinada unicamente a servir a lavoura, campanha baseada

pelo Eng.º Agrónomo
Mário Vieira de Sá

nos princípios da técnica mais moderna, se não divulguem os adubos cálcicos.

Por que se insiste em corrigir o solo e depois adubar com substâncias de reacção ácida, prejudiciais ao meio que acertadamente se pre-

autores, aplicados à razão de 1.000 Kgs. por hectare e por ano, levam o solo à neutralidade na terceira aplicação».

Nos anos seguintes, observa-se uma lenta elevação do PH que atinge progressivamente um valor vizinho de 7, 4 ao fim de 10 anos.

A maior parte da cal apresenta-se em combinações facilmente dissociáveis em meio ácido, mas mais estáveis desde que o PH do solo atinja 7, 0. Estes resultados estão de acordo com os de diversos autores, nomeadamente Brioux e Jouis, Vincent e Kappen.

«O Fosfato natural moído não teve acção significativa sobre o PH do solo. A ligeira alcalinização verificada em relação à testemunha pode ser atribuída ao carbonato de cal que contém os fosfatos naturais».

O quadro evidencia a influência alcalinizante muito pronunciada do Fosfato Thomas. Mostra também (e os seus autores não deixam de o fazer observar) que a maior parte da cal do Fosfato Thomas existe sob a forma de combinação facilmente dissociável em meio ácido, mas bastante estável desde que se atinja a neutralidade.

Creemos, depois do que acabamos de referir, que o Fosfato Thomas, assim como outros adubos cálcicos — Cianamida Cálcica e Nitroamoniacaís com cal — não podem ser esquecidos numa campanha de calagens, como a que se está procurando levar a efeito em quase todos os pontos do país.

A agricultura é a base de todas as actividades nacionais e, desde que ela seja afectada, ou não se lhe dêem meios para progredir, todo o sistema económico será por forma atingido com as suas desastrosas consequências.

O Fosfato Thomas pode ser um elemento precioso para melhorar as condições agrícolas do país.

O Grémio da Lavoura do Crato, numa feliz exposição que fez ao Governo, referindo-se a este adubo, diz: «Solicita-se, por outro lado, que não se levantem entraves à importação e à concessão de bônus a adubos de grande interesse nacional, tais como o Fosfato Thomas e os Nitroamoniacaís, cuja cal é indispensável às nossas terras ácidas na sua maioria, não falando nos valiosos elementos raros que o primeiro contém.

... Para evitar maiores danos e acompanhar o progresso agrícola de outros países, torna-se necessário por agora abastecer-nos destes adubos lá fora. As nossas recentes indústrias de azotados modificarão por certo, mais tarde ou mais cedo, os tipos de adubos que produzem e conviria que a nossa incipiente siderurgia estudasse desde já o aproveitamento das escórias para o fabrico de adubos idênticos ao Fosfato Thomas estrangeiro, sub-produto que pode também auxiliar a formação de

pregos de venda acessíveis para o ferro a produzir».

Tivemos ultimamente conhecimento que a nossa indústria siderúrgica, prevista no Plano de Fomento, será instalada pelo processo Thomas.

Congratulamo-nos com a notícia e oxalá ela venha a ser um facto a Bem da Lavoura Nacional e, em suma, do Comércio e da Indústria geral.

Realmente, também nada seria mais agradável para nós do que ver empregar na terra portuguesa Fosfato Thomas, produzido no nosso próprio país.

Ao terminar devemos pôr em evidência que não queremos de modo algum desvalorizar os abusos de reacção ácida. Condenamos sim que sejam usados em terrenos para os quais, devido às suas qualidades, são impróprios. De resto, melhor do que quaisquer outros processos, o emprego de adubos cálcicos associado ao uso de calagens moderadas, proporcionará, no futuro, condições de solo favoráveis ao uso de tais adubos ácidos.

Na terra portuguesa há lugar para todos os diferentes tipos de adubo; o que é necessário é que aos diferentes tipos de solos, sejam, consciente e tecnicamente, indicados os adubos mais convenientes, para bem da Lavoura e, por consequência, da Economia Nacional.

BREVE HISTÓRIA

da CULTURA DO MILHO

A cultura do milho, hoje tão conhecida e espalhada pelo Mundo tem uma origem muito remota e a sua história, tal como a do arroz, parece ser rica de cerimoniosos rituais. Grãos deste cereal foram descobertos nas catacumbas do Perú, particularmente nos túmulos dos Incas, povos milenários que no velho México prestavam culto à deusa do milho e invocavam a sua protecção desde a sementeira até à colheita.

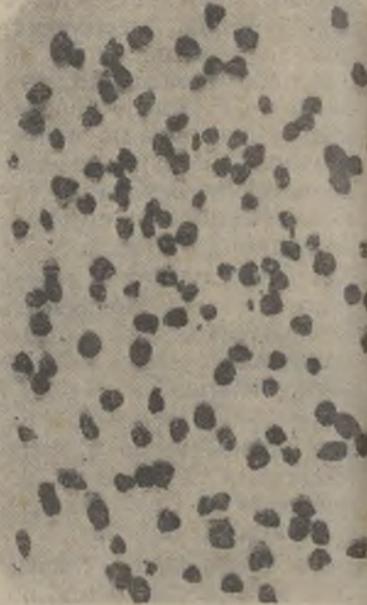
Vasos antiquíssimos aztecas e peruvianos encontrados em escavações apresentam o milho como motivo decorativo, e na Bolívia, Equador, Sul do México e América Central, os numerosos estudos arqueológicos e botânicos têm permitido reconstituir cenas agrícolas de grande interesse para a história deste cereal.

Tudo indica, e hoje assim se considera, que o centro de origem do milho se encontra no continente americano, possivelmente num dos países que referimos. Daí, através das caravelas de Colombo, passou à Espanha e deste país até Portugal o caminho foi naturalmente fácil. Julga-se que a cultura terá sido introduzida no nosso País no primeiro quartel do séc. XVI. Nesta época, ou mais tarde, o milho encontrou tão boa aceitação que pouco tempo depois era um género de comércio de grande importância, imediatamente a seguir ao trigo.

Pode dizer-se que toda a região noroeste do litoral não teria tido o desenvolvimento que teve se não tivesse encontrado uma cultura tão favorável às suas condições naturais.

Mas o milho é uma planta, um ser vivo, e, como tal, precisa de alimentar-se para viver e, o que é mais importante ainda, tem de

É um insecto, muito parecido com o percevejo. A fêmea não tem asas; os pés são tão curtos que dificilmente anda com eles. O macho é muito mais pequeno, tem asas, e umas excrescências em forma de cauda. A fêmea não põe ovos; morre, incha, fica depois ressequida, e na Primavera seguinte saem-lhe os filhos vivos de dentro do corpo. Há muitas espécies de cochonilhas; a mais notável é a «nopal», ou figueira da terra, da qual se extrai o precioso carmin que só o corpo das fêmeas contém.



Cochonilhas

Telefone 036 57

Para boas Fotografias

Foto Montijense



Tipos de máquinas usadas para as calagens

idade pelo emprego exagerado e contínuo destes fertilizantes.

Uma das causas, a principal, dos baixos rendimentos unitários obtidos nas nossas culturas, é precisamente o facto de a maioria esmagadora das nossas terras apresentarem um fraquíssimo teor de cal.

Há portanto necessidade de se proceder à sua correcção, com as devidas precauções que a técnica aconselha e a experiência justifica, e não de qualquer modo, ao sabor da fácil propaganda comercial, como em alguns sítios se está vendo fazer; a continuar-se assim não tardará muito que o PH de certos solos beneficiados por calagens venham mais tarde a piorar, agravados ainda por maior depauperamento da matéria orgânica. Pensamos que o bom êxito duma campanha desta natureza seria facilmente obtido se, a par das calagens, calagens moderadas, fossem recomendados adubos cálcicos. Fazer a correcção de solos ácidos para depois empregar adubos ácidos, aqueles precisamente que contribuíram para a ruína das terras, não nos parece tecnicamente aconselhável. Em muitos dos países da O. E. C. E., onde a aplicação de diversas formas de cal que indirectamente se fornece ao solo por fazer parte da composição dos adubos cálcicos (Fosfato Thomas, Cianamida, Nitroamoniacaís, etc.)

tendia melhorar pelo emprego da cal?

A Cianamida Cálcica e o Fosfato Thomas, adubos que fornecem, respectivamente, azoto e fósforo, contêm elevadas quantidades de cal que não são para desprezar quando se pretende corrigir a acidez dum terreno.

No Fosfato Thomas, por exemplo, a quantidade de cal existente oscila entre 45 e 55%, em média 50% de óxido de cálcio (O. Ca), ou seja, aproximadamente, 100% de carbonato de cálcio moído (8% CO₂ 3 CA).

Na Cianamida Cálcica a quantidade de cal oscila entre 60 e 65%. Nos Nitroamoniacaís a percentagem de cal oscila entre 20 e 30%, encontrando-se na sua totalidade sob a forma de carbonato de cálcio.

Experiências realizadas durante 10 anos (1929 a 1938) por Bargevin e Henin na Estação Central de Agronomia de Versalhes, mo tram que o PH do solo era bastante influenciado pela aplicação do Fosfato Thomas.

Os investigadores referidos compraram os superfosfatos, o Fosfato Thomas e os Fosfatos naturais moídos, à razão de 1.000 Kgs. por hectare e por ano, e a cal viva e o carbonato de cálcio moído em quantidades correspondentes a 1.000 Kgs. de óxido de cálcio (O. Ca) por hectare.

«O Fosfato Thomas, dizem os

MÊS DE NOVEMBRO

Adagiário:

Por Todos os Santos, a neve nos campos.

Por S. Clemente, alça a mão da semente.

De St.ª Catarina ao Natal, mês igual.

Agenda do mês: — De 1 a 10 — Pagamento do Fundo de Desemprego.

De 1 a 20 — Pagamento, à boca do cofre, do imposto de camionagem. Entrega de participações de baixas de comércio, indústria ou profissões liberais e declarações de casas que ficaram devolutas e com escritos. Até ao dia 20 de cada mês devem as companhias de seguros pagar o imposto de selo que incide sobre os prémios cobrados e o que substitui o selo dos recibos.

Dia 30 — Termina a inscrição de searas de trigos de sementeira outonal, para a produção de semente seleccionada com a garantia oficial.

Termina o prazo para efectuar o manifesto estatístico — através da C. R. C. A — da colheita de arroz.